

REVISTA DE MEDICINA



DIRECÇÃO SCIENTIFICA DO
 PROF. RUBIÃO MEIRA
 REDACTOR-CHEFE
 ANTONIO DA PALMA

ORGÃO DO CENTRO ACADEMICO
 "OSWALDO CRUZ"
 DA FACULDADE DE MEDICINA
 E CIRURGIA DE SÃO PAULO

SUMMARIO

<i>In memoriam</i>	P.
<i>Nossa apresentação</i>	R. M.
<i>Pensamento e acção</i>	Redacção
<i>Oscar Freire</i>	Oswaldo Portugal
<i>Fauna cadaverica brasileira (con- tinuação)</i>	Oscar Freire
<i>Prof. Alexandrino Pedrozo</i>	J. I. L.
<i>A leishmania no cão</i>	Alexandrino Pedrozo
<i>Luiz Pereira Barretto</i>	Emílio Ribas
<i>Variedades das veias da base do peçoço</i>	Raul Medeiros e A. Ar- ruda Sampaio
<i>Ruy Barbosa</i>	P.
<i>A questão do reconhecimento. Pela seara scientifica.</i>	
<i>Noticiario Social.</i>	

EXPEDIENTE

REVISTA DE MEDICINA

Publicação mensal sob a direcção scientifica do Prof. Rubião Meira

Redactor-chefe: ANTONIO DA PALMA

----- Redacção: Rua Brigadeiro Tobias, 45 -----

ASSIGNATURAS:

Brasil, 12 numeros

Estrangeiro

Numero avulso

188000
110000
360000
18500

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor-chefe

LEITOR:

Collocamos nas vossas mãos o primeiro numero da *Revista de Medicina*, da serie de 1923. Lede-o. Que elle vos agrade, e que venhaes a ser um dos amigos da "Revista"

AOS SRS. ANNUNCIANTES

Resolvemos restaurar a secção da materia paga na “*Revista de Medicina*” Aos srs. commerciantes e industriaes de S. Paulo cremos que haja algum interesse na propaganda, pelas nossas paginas, das suas especialidades, pela acceitação que nos meios medicos e centros scientificos relacionados com a Medicina, tem encontrado, em sete annos de vida, a *Revista de Medicina*” nesta capital, no interior do Estado, na Capital Federal, nos Estados e no Estrangeiro.

Brevemente o nosso representante por-se-á em contacto com a praça.

Honrar-nos-hão todos quantos nos procurarem. De antemão aqui lhes deixamos o nosso agradecimento.

REVISTA DE MEDICINA

DIREÇÃO SCIENTIFICA DO
PROF. RUBIÃO MEIRA
REDACTOR-CHEFE
ANTONIO DA PALMA

ORGAM DO CENTRO ACADEMICO
"OSWALDO CRUZ"
DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO

IN MEMORIAM

A "**Revista de Medicina**", acompanhando como o reflexo dos seus actos e a voz do seu pensamento, a actividade discente da Faculdade de Medicina e Cirurgica de São Paulo entra, por isso mesmo, em ferias quando, para descanso dos alumnos a Escola levanta temporariamente os seus trabalhos.

É a primeira vez que apparecemos, depois do passamento de tres dos mais notaveis homens de sciencia do nosso meio, todos tres fallecidos nesta capital: Alexandrino Pedroso, Oscar Freire e Luiz Pereira Barretto.

Dois delles eram professores da nossa Faculdade: o outro, medico e publicista dos mais eruditos que S. Paulo tem conhecido.

Ao reencetar a nossa jornada, em 1293, queremos lembrar estes tres nomes, tão merecedores da nossa affectuosa recordação quanto o foram, vivos, da nossa estima e respeito pelo seu saber e pelas suas virtudes.

Alexandrino Pedroso cuja vida inteira de cientista, foi dedicada aos estudos da sua especialidade teve. (hesito em dizer a palavra — tão bella e tão nobre é a luz que aureola a cabeça dos homens que morrem assim, colhidos na dedicação aos seus trabalhos sabios, no momento em que mais se empenhavam — talvez nalgum grande descobrimento a desdita de encontrar a morte nos proprios tubos de ensaio cujas culturas microbianas preparava e estudava...

A infecção; a meningite cerebro-espinhal que se caracterisava; algumas semanas de agonia; a morte final.

Pereira Barretto, menos ligado a nós que Pedroso ou Freire, teve na Faculdade de Medicina, alguma coisa mais que um pedaço de São Paulo — este São Paulo que tão atento e enlevado ouviu, por meio seculo, a sua palavra evangelica.

Barretto teve um momento em que intimamente se viu cercado pelos moços da Faculdade de Medicina. Foi durante a ultima guerra européa, n'um caso que vivamente agitou todo o corpo discente da Faculdade de Medicina. .

Oscar Freire. A nenhum destes tres homens, de vida tão bella e edificante, renderíamos o preito devido, por mais que offerescessemos...

Mas Oscar Freire, professor da Faculdade, foi ainda amigo e conselheiro nosso. Viveu connosco; fallou-nos pela intelligencia e pelo coração, muito de perto e durante bastante tempo.

É, pois, natural que em quasi todas as nossas paginas venha a nota sentida de uma palavra affectuosa ao seu nome — elle que tão familiar foi da **“Revista de Medicina”**

Será, acaso, prenteadado demais, na sinceridade da nossa recordação feita de agradecido carinho, quem nunca julgou demasiado o que generosamente nos deu — o concurso luminoso da sua intelligencia tão primorosamente cultivada?

Houve um tempo em que, nesta casa, o seu espirito foi a estrella polar da nossa rota.

Si não foi o nosso director, foi certamente a clarividencia bondosa que nos guiou.

Para nós a sua memoria, ficará na crystallinidade destas duas palavras: Sabedoria e Bondade.

Desappareceu para nós o conselho sabio de Oscar Freire: ficou-nos a sua inolvidavel recordação. Afinal a belleza da Vida é feita um bocado pelo encanto es- peritual da Morte; é mais perfeita quando a inspira a lem-

brança dos seres que passaram para o além, principalmente quando, pela vibração lustral da sua intelligencia, esses seres não encontraram na morte, a “morte” propriamente, mas uma forma vital mais perfeita — a immortalidade espiritual.

P.

NOSSA APRESENTAÇÃO

Assumo a direcção desta “**Révista**”, a pedido dos moços que a vêm redigindo. Não lhes pude negar o meu auxilio, por obedecer a uma directriz traçada em meu espirito — de concorrer, com o meu pouco, para o brilho constante da juventude que estuda medicina em S. Paulo. Tenho ficado sempre a seu lado, nas questões que se têm suscitado e foi talvez, por esse motivo, conhecendo o amôr que lhes dedico, verdadeiro e santo, que se lembraram de pedir a minha coadjuvação. Não a regatearei, como nunca lhes neguei o que me pediram.

Não serei aqui, apenas, uma figura de prôa, como sóe acontecer, em regra, nos jornaes e revistas e sobretudo nos de ordem scientifica.

Procurarei, ao contrario, orientar-me para oriental-os, e farei o possivel para dirigil-os, de accordo com a orientação jornalistica moderna.

Não será difficil a minha situação, porque governar os moços é facil. Elles só têm aspirações puras. Inda não se macularam na vida. Guial-os é, portanto, agradável; acompanhhal-os em seus sonhos e devaneios, um consolo para os que têm cabellos brancos. É por isso que aqui estou e, confesso, aqui me sinto bem.

Saúdo a mocidade academica e comprometto-me a dar-lhe a mão para leval-a ao objectivo de seus ideaes.

R. M.

PENSAMENTO E ACÇÃO

(CARTA·PROGRAMMA AOS NOSSOS LEITORES)

Os nossos leitores estão notando uma pequena mudança no feitio da **“Revista de Medicina”**. Vem a proposito que justifiquemos a alteração: é um facto de bom senso ditado por uma observação, de si tão facil, que todos tem-na já feito, seguramente. Em que nos peze a todos, é bem verdade que os Estudantes não têm o “fogo sagrado” pelos factos que constituem a vida academica. Desinteressam-se os rapazes, em geral, muito mais do que é perdoavel que se desinteressem d’elles. Ora, a **“Revista”** como o proprio **“Centro”** são creações do corpo discente.

Como os creou podia não os ter creado, como pode, agora que ambos existem — **“Centro”** e **“Revista”** — eliminá-los. São actos da collectividade. Mas a verdade é que existem e que podem ter acção verdadeiramente apreciavel. Nós tentamos combater a apathia mudando a feição da **“Revista”**. Neste sentido é que orientamos o nosso pensamento.

E esta “acção verdadeiramente apreciavel” parece-nos um pensamento cuja possibilidade da realisação encontrará o seu acto, necessariamente, si lhe fôr favoravel o meio onde elle tenta realisar-se. Ella é que, mais que tudo, nos anima.

Bem examinadas as cousas, nem chegamos a “alterar”; tentamos apenas “alargar” e “completar”, dentro da lei de evolução do pensamento — tão natural e comprehensivel — o que já ficaria creado, em principio tacito, na fundação da **“Revista de Medicina”**.

Pretendemos que as diversas secções sejam mantidas. O Prof. Rubião Meira, grande amigo da mocidade, honrou-nos com a sua acquiescencia para dirigir-lhe a parte scientifica.

Orientados pelo brilho de tão luzida intelligencia, por que não havemos de, todos, trabalhar? **“L’Union fait la Force”**...

Vem noutra pagina a **“Nossa apresentação”**, trabalho do nosso illustre director.

*

* *

E opportuno, todavia, que a duas classes dos nossos leitores fallemos mais de perto e mais demoradamente: aos srs. Professores da Faculdade e aos alumnos, nossos collegas.

Aos srs. Professores, como, em geral, a todos os medicos nossos amigos, se nos permittem, diremos:

Concedam á "**Revista de Medicina**" que lhes enderece publicamente, daqui, o appello que, se lhe permittem, V. V. Exas. ella tem a honra de formular ante V. V. Exas., a cada um particularmente: qual o de honrar as suas paginas com trabalhos de V. V. Exas., de toda a ordem e sobre qualquer assumpto.

Ha dois pontos de vista que nos parecem ambos razoaveis e que se referindo ao mesmo tempo á profissão de professor e ao feitio a "**Revista de Medicina**", que é o orgão do Corpo Discente da Faculdade, pedimos venia, para adduzir

Um é que si o magisterio é professado oralmente da cathedra, na via da regra, tem, entretnto, outra fórmula de exercicio: a licção escripta.

Trabalhos de pesquisa, de critica, de divulgação scientifica (que grande mestre da divulgação scientifica não foi Luiz Pereira Barretto!), quando feitos por quem é professor, sempre aproveitam a quem é discipulo. Ora, V. V. Exas., pela natureza mesma professional têm, no correr da vida de ensino, nas proprias mãos, questões diversas de ordem scientifica que, com vantagem para os alumnos, podem facilmente tratar-se nas paginas de uma Revista do genero.

Mas o segundo ponto de vista é que nos parece de maior importancia, já porque ampara e sustenta o primeiro, já pelo que será, no mundo scientifico, a "**Revista de Medicina**" si acaso merecer a preciosa attenção V. V. Exas.

Tal ponto de vista é o seguinte: existe uma individualidade espiritual — viva e activa no meio social paulistano — a Faculdade de Medicina. Mas o orgão de expressão do seu pensamento, existirá tambem?

— Existe, de certo, nas licções de seus cursos, por meio dos quaes se faz a formação professional de bôa parte da mocidade paulista, dir-se-ha talvez...

Sim. Independente, porém, desta fórmula que é substancial na sua existencia, ha outra, e a esta é que em geral se dá o nome de "orgão": — o das "publicações periodicas", onde escrevem os professores que compõem o corpo docente da Faculdade.

Muitos de V. V. Exas., collaboraram já em revistas e jornaes diversos.

Não pedimos, porém, o impossivel; pedimos apenas que voltem para a "**Revista de Medicina**" um bocado da bôa vontade e da operosidade de V. V. Exas.

*

* *

Tambem aos estudantes pedimos que nos ouçam uma palavra.

E' um convite que se vem repetindo, cada anno, quando sae o 1º. numero da "**Revista de Medicina**"... Fazemol-o por nossa vez, e o endereçamos á maioria, porque muito ha que têm prestado assiduamente o seu concurso á "**Revista**".

E' indispensavel, porém, que estas collaborações se intensifiquem. O numero de trabalhos que têm apparecido nos varios numeros da "**Revista de Medicina**", nos seus sete annos de vida, não corresponde ao que podem dar quasi trescentos moços que frequentam as aulas da Faculdade.

Esta "**Revista**" não é sómente redigida para os alumnos; deve tambem ser redigida por elles. E' necessario que colloborem mais nestas paginas. Alguns terão já o pendor natural para escrever; todos têm seguramente a necessidade de escrever bem. Escrever bem é um acto quotidiano na complexidade da vida contemporanea. Porque não ensaial-o aqui?

Demais, se esta "**Revista**" se destina a todos, deve a todos interessar e agradar

Como o poderemos conseguir se dispuzermos só do nosso trabalho?

Já se disse que no esforço serio e bem intencionado ha sempre um grão, ao menos, de utilidade e de verdade. Não vos pedimos só estudos magistraes, exhaustivos sobre taes ou quaes questões scientificas, pois é uma evidencia que muitas notas de aula, observações de laboratorios e de hospitaes, leituras de revistas e jornaes de sciencia ou mesmo sem ser exclusivamente scientificos, são repositorios de noticias innumeradas, ás vezes completamente ineditas para o nosso meio. Faça cada um o esforço pessoal (que não é, por isso mesmo, ingente) de trazer-as á communitate e terá feito obra de real utilidade collectiva.

Oxalá os nossos collegas nos ouçam e nos attendam! Nós, de nossa parte, não julgaremos demasiado nem perdido o nosso

HOMENAGEM



*AO DR. OSCAR FREIRE DE CARVALHO (3-10-1882 —
11-1-1923), Saudoso professor de Medicina Legal da Facul-
dade de Medicina e Cirurgia de São Paulo,
em reconhecimento à excedível dedicação, A "Revista de Medicina"*

trabalho de coordenação da “**Revista de Medicina**” — porque ella será verdadeiramente o órgão da mentalidade escolar da Faculdade. Reunindo a parcella de trabalho de cada um ella será, para todos, atrahente e util.

A “**Revista de Medicina**” synthetisa o pensamento de nós todos; a cada um de nós nos cabe, pois, o dever de engrandecel-a.

A Redacção.

OSCAR FREIRE

A's almas simples impressiona apenas o aspecto grosseiro e palpavel das cousas; para estas a morte nivela indistinctamente todos os homens, afasta-os em eterno degredo commum e os uniformisa na mesma immobillidade. Quando, ao contrario, é ella quem sopeza os valores da existencia, julga-lhe os feitos, dando para cada um de quem tira a vida, a forma marmorea por que o ha de esculpir na lembrança dos que ficam, da humanidade presente, ou na attenção dos que lhe succederem, as gerações futuro. E' certo que, não raro, as impressões de momento, as paixões que a morte sempre crêa ao redor da vida que se desaggrega, podem turbar de algum modo o julgamento definitivo dos que se vão, extrahindo delles, de mistura com o metal verdadeiro de seus merecimentos, a ganga inconsistente e amorpha que lhes empresta volume e força, escondendo-lhes a pequenez ou a propria fraqueza. Mas o tempo virá e, no seu trabalho invisivel, caldeará os elementos, expurgará a escoria e ostentará, por fim, definitivamente, nos metaes, areados e polidos, o seu brilho real e immutavel.

Fica assim cada um que morreu com o que realmente lhe pertence. E' inutil, então, o artificio: aquelles que nada têm desapparecem, intenso embora fosse o vigor e o lustre de que a vida os adornava. Aos que possuem alguma cousa, e quanto maior seja, tira a morte de si propria a substancia que os ha de differenciar dos outros homens, realçal-os, animal-os em forças eternas.

Tres mezes apenas nos afastam da morte de Oscar Freire, mas são tão nitidos e firmes os recortes de sua acção durante a vida que não nos ha de illudir o entendimento o que houver de paixão, de soffrimento, de amizade consternada no commovido adeus com que, ao seu traspasse, elle foi glorificado em S. Paulo, primeiro, e depois na Bahia. Já se presente agora, de um só golpe, pura a força e a belleza de sua obra, fadada á larga historia.

Não lhe foi necessaria uma longa vida para conquistar esta consagração. Aos 40 annos termina um cyclo grandioso de operosidade que daria para encher uma existencia aproveitada até a extrema velhice. Tudo, porém, em sua vida parece que o estava advertindo da pressa com que teria de passar pela terra. Cedo, muito cedo, a intelligencia abriu-se-lhe em anceios de saber; o estudo o prendeu; e aos 14 annos já estava matriculado na Faculdade de Medicina da Bahia. No quarto anno do curso começa a ensinar: desabrocha em florações promissoras o adolescente, que, se outro fosse, mal teria tempo para começar a aprender... Trabalhos scientificos de vulto, publicados antes da formatura, dão-

lhe ao sahir da Escola o respeito e a admiração quasi de um mestre. Tinha 20 annos. E' o alvorecer para todos; para elle era já o meio dia da vida.

Acontecimento imprevisto eleva-o, em pouco, com a morte do professor. Nina Rodrigues, que finou tão moço, ao posto do mestre na gloriosa Faculdade bahiana, depois de experimentada, em memoravel concurso, a sua competencia no difficil departamento da medicina legal. Tem pressa. Não ha tempo a perder. Tão vasto era o plano de trabalho a que se propunha no ensino e na organização da cadeira para que entrava como substituto que os seus collegas o recebem como uma pretensão desmedida de rapaz. Ninguem pôde imaginar, nem mesmo, tantas vezes, seus proprios detentores, os designos a que o destino os propõe. Sete annos bastaram para dar completo desempenho a tarefa a que se entregara. Tomando posse do logar de cathedratico de medicina legal em 1914 já apresenta terminado o trabalho que, por ordem natural, só agora devia começar...

Não descança! Premiado por seus esforços, não se detem um só momento na contemplação de suas victorias; continua a mesma actividade que até então desenvolvera, redobrada, quiçá, de novas e mais surprehendedentes manifestações. São trabalhos que publica, theses que inspira, realisações que effectiva, e os enthusiasmos que desperta, a caudal de energias que movimenta e anima em forças irresistiveis.

Aos 35 annos é um nome feito na especialidade que escolhera. As notabilidades regionaes, que tão difficilmente ultrapassam os circulos onde se desenvolve a sua actividade, tem nelle, em idade tão moça, uma incontestavel excepção á norma habitual. As vibrações de seu renome chegam a todos os nossos centros adiantados e vencem as fronteiras de paizes estrangeiros.

Foi neste momento de seu prestigio que Arnaldo Vieira de Carvalho, num golpe de sua visão penetrante, foi buscal-o para a nossa Faculdade, encarregando-o de organizar a cadeira de medicina legal da escola nascente. O que elle fez em S. Paulo, para a Escola que o teve como mestre e para o meio em que pontificou por cinco annos, não é de se condensar nestas linhas ligeiras.

E' simplesmente assombroso o que este homem formou, desenvolveu como trabalho e sedimentou como saber em tão curta existencia! Correulhe breve a vida, mas foi fecunda e sadia em fructos opimos!...

Se elle devia ao talento e o alto relevo que o distinguiu deveu á prodigiosa actividade a sua obra de realisação. Fel-o sabio a insaciavel curiosidade, que lhe trazia sempre attenta a observação e lhe amenisava o estudo dos mais aridos problemas. A leitura era o seu delcete predilecto. Tudo lhe interessava e tudo assimilava, sendo prodigiosa a vertigem com que lia, sem nada perder. Em notas de um "diario" a que dera apenas inicio, deixou referido que, certa manhã, entre outras cousas, lera tres volumes de uma obra... Todos os assumptos o prendiam. Reunira nos ultimos tempos, para entretel-o nos poucos lazeres, o que havia de mais interessante sobre a vulgarisação da theoria de Einestein: lera, entendera, e com que lucidez dissertava depois a respeito. Esta ultima circumstancia lhe assignala um traço caracteristico: Oscar Freire tinha necessidade de levar a outros o fructo de seus estudos ou de seus trabalhos. Era professor por tendencia natural...

Em sua bibliotheca agia como senhor absoluto tal a segurança com que lhe manejava o opulento material. Trazia systematicamente classificado e fichado o que entendia com a sua especialidade: o mais e pode-se dizer que era tudo, estava sob a guarda de sua prodigiosa memoria. Não tendo em ordem apparente seus livros causava espanto a facilidade e promptidão com que os dispunha para qualquer trabalho. Veio dahi

Lhe chamarem os intimos o gabinete de estudo “o cáos organizado” Era de vêr, realmente, a segurança com que dentre montes e montes de folhetos, um pouco por toda a parte, tirava o que convinha para satisfazer a uma consulta de momento, e o mais que movimentava para ser copioso em informações sobre o caso, ora appellando para notas pessoasas, ora para um livro, ora para outro, na litteratura de todos os paizes. E com que rapidez reunia os dados, unia-os, animava-os, e dava por fim, completo e luminoso o seu parecer! Qualquer que fosse o problema a solução tinha sempre esta forma lucida e abundante, dissesse respeito não só aos seus estudos especiaes, como o assumpto outro, fosse ainda de medicina, ou de arte, de philosophia, de linguistica, de historia, ou até mesmo de direito.

Mostra particular carinho pelos estudos de nossa medicina patria, que conhecia profundamente como attestam seus numerosos escriptos, e pelas questões attinentes ao ensino superior e secundario, razão que o fez chamado de “consultor geral do ensino” entre seus collegas da Bahia.

Trabalhador formidavel, não era, no entanto, methodico no seu trabalho. Estudando ou produzindo, cuidava sempre de varios assumptos a um tempo, a cada um dedicando, ao sabor das disposições de momento, a sua attenção, por mais absorventes que fossem. Por isso, grande foi o numero de escriptos que deixou inconclusos. Perfeito no que fazia, ninguém lhe perceberia a feição fragmentaria de sua actividade; dava, ao contrario, em todos os seus trabalhos a impressão de um esforço continuado. Dos mais vultosos mesmo experimentava-se a illusão de que em sua vida nunca de outra cousa tratara fóra da questão em debate, tão profundo era no seu conhecimento, exhaustivo nas citações, copioso no contingente pessoal com que, as vezes, chegava a dar’ novo aspecto a uma these consagrada. Estimulava-o a obsessão da verdade completa, verdade que quoria sentir, fibra por fibra, em todo o problema e nos seus menores detalhes. Dahi a tendencia sobre tudo analytica do seu espirito. Desconfiava das syntheses nas questões complexas, por entender que era apenas, de commum, um meio elegante, quasi sempre seductor, de mascarar a realidade, que só analyse podia encontrar. Foi este pendor accentuado de sua intelligencia que lhe valeu, em grande parte, os titulos de notavel investigador. Veem-se claramente estes traços de sua mentalidade em todos os seus trabalhos, bastando citar apenas, como modelos mais vivos no particular, os seus estudos sobre as moscas e sobre a resistencia do arsenico á cremação.

Copioso e lucido no argumentar, agil e presto no rebate ás objecções ficou por conhecer-lhe a face mais impressionante da intelligencia quem não o viu expor, discutir, sustentando uma ideia.

Com estes contingentes todos, armado de aparelho magnifico da expressão verbal e escripta, ambas fieis e ducteis, não é de admirar a fama que grangeou de professor extraordinario e o renome, que se perpetuará na historia, de homem de sciencia probo e autorizado.

Para aquilatar das suas qualidades como homem de acção e de energia não é preciso ir além do que elle mostrou em S. Paulo; bastaria sómente recordar a pertinancia indefectivel com que se bateu para a criação do Instituto de Medicina Legal da Faculdade e o que trabalhou depois para a sua feitura. Deixou, infelizmente, em meio a obra formidavel que planejára; dá-lhe porém, de inicio, singular relevo ter sido ella o primeiro passo de effectivação do plano grandioso da futura Faculdade de Medicina de S. Paulo, que Arnaldo Vieira de Carvalho aspirava fosse o mais aperfeiçoado centro de ensino e estudo da medicina na America do Sul. Quem visitasse o edificio portentoso que se ergue nos altos do Araçá, guiado pelo mestre que o havia delineado, sentindo a segurança do seu plano, sopesado nos melhores detalhes, senhor das inspirações que o guia-

ram ou esclarecido da amplitude de seus altos designios, sahia com a impressão inabalavel de que o sonho de Arnaldo Vieira de Carvalho teria, ao menos na parte affecta ao docente de medicina legal, a mais perfeita realisação. Oscar Freire tinha o privilegio raro de movimentar o seu talento com o mesmo desembaraço quer, no alto, na esphera das cogitações theoricas, ou; em campo raso, no terreno da pratica, das realisações fecundas, como se uma e outra cousa se prendessem a maneira dos élos de uma mesma cadeia. Se em face da primeira, justificando o que pretendia, usava a logica do raciocinio para convencer, tinha para a segunda, não raro, a prova incontestavel de obra semelhante realizada, como no caso, a do Instituto Nina Rodrigues, da Bahia, que fundára, e dirigira e que é ainda hoje um modelo de organização no genero.

Força é, finalmente, que procure traçar de algum modo as feições de sua alma de homem affectivo. Vasio dos predicados mais essenciaes, anima-me, porém, á grata tarefa o que elle me deu em intima amizade e constante convivencia. Outro fosse eu, em manancial tão rico, e facil lhe seria agora aquilatar o valor e traçar as linhas encantadoras.

De alguém, seu amigo dos mais intimos, já ouvi dizer, certa vez, que era igualmente grande pelo cerebro como pelo coração. Realmente, não sei de alma mais affectuosa, nem mais nobre, nem mais bondosa do que a desse homem excepcionalmente intelligente. Ao seu contacto, ligeiro ou demorado, nada havia que desse a impressão do grande homem: chão, simples, despreoccupado e prasenteiro, dava entrada em sua convivencia a quem delle se aproximasse; e, se afinava com suas cordas, em pouco já lhe occupava lugar na estima; mais um passo e já o contasse como amigo. Não surprehende, pois, ao contrario facilmente se explica que tivesse sido grande o circulo de suas amizades. E ninguem houvesse como vão o epitheto: amigo! A quem elle lhe desse era capaz de todo o sacrificio, defendel-o-ia com o ardor de um irmão, exultaria com as suas victorias e compartilharia dos mesmos infortunios.

Não era amizade difficil de ser conservada: a franqueza completa e sem rebuços nunca deixaria pairar no espirito de seus intimos o mais leve mal entendido, que é o meio caminho da prevençãõ, e que tantas vezes, como a ferrugem, corroe e quebra o aço das melhores affeições.

A facilidade que sentia para dizer acertado o procedimento de um amigo era a mesma que mostrava quando o entendia errado. Por isso, frquentemente, mesmo neste terreno perigoso, accendiam-se discussões acaloradas, que punham em sobresalto os que lhe não conheciam bem o temperamento, mas que terminavam sempre em boa paz, sem subentendidos nem resaibos recalçados. No calor do debate podia dizer, fosse o que fosse, sem offender, pois nunca ninguem lhe descobriria a setta envenenada de uma intençaõ má escondida. Era recto, claro, as vezes rude, mas sempre nobre o seu pensamento. Para o companheiro criticado seria, ao contrario, motivo de orgulho o calor e o impeto com que despedia a palavra, onde se sentia o interesse, a dedicaçãõ a mostra, a amizade inteira a palpitar e abraçar-lhe as intençaõs. Estaria nella, vibrante, á prova do seu desvelo: não lhe ouviria jamais uma observaçãõ qualquer quem não fosse de sua intimidade completa; guardava com os demais, ainda quando admittida boa camaradagem, a reserva intima e inviolavel que só a amizade vence e domina nos corações que formaram juntos raizes profundas.

Não procurava entreter sympathias a custa de elogios facéis; ainda quando esses fossem justos o horror de parecer insincero os continha dentro de si. Quem soubesse, portanto, de uma palavra sua de applauso rasgado, extranho ou companheiro de todo o dia, ficasse certo que era um sentimento que não pudéra conter... Detestava o elogio face a face, que chamava de "corpo presente"; muita vez o vi neste embaraço, em que ma!

disfarçava o desagrado, enleado em confusão de que não sabia como sahir. A simples modestia de que foi exemplo perfeito não bastaria para se lhe comprehender esta feição particular; com a convivencia, porém ver-se-ia nisso, a mais, uma insopitavel exigencia de sinceridade, tal a differença entre a cordura com que tolerava o applauso de amigos que lhe não escondiam as criticas menos agradaveis e a contrariedade sempre viva com que o repellia vindo de extranhos e tanto maior quanto estes mais indifferentes.

Como quem busca em tudo a verdade era um torturado da duvida. Não havia problema por mais intrincado que lhe resistisse á critica, extractando-lhe a essencia, entrechocando os prós e os contras da questão, agil e vigoroso, como um malabarista prodigioso da logica, ora descobrindo vida e força numa idéa de ha muito abandonada, ora mostrando longinqua a victoria, onde já parecia tão certa e tão proxima.

Nada lhe escapava á analyse fina e aguda; e se della valia-se, como de instrumento seguro, nos embates dos pensamentos mais agitados e incandescentes, não a esquecia tão pouco, nos dias agrestes de pessimismo, para o estudo introspectivo e silencioso dos soffrimentos, vasando pelo seu crivo até mesmo esses mil nadas da vida, que, como mariposas mansas, voltijam sobre todas as cabeças. Não resistia á curiosidade de palpar o segredo da alma humana, buscando alcançal-o no recesso da propria ou das alheias... Tinha a attracção irresistivel do desconhecido, a ansia, a volupia desse mar movediço de areia que é o dominio das incertezas!

A duvida gerava-lhe a desconfiança. E, em certos momentos, desconfiava de si proprio, de suas forças, de seus meritos, desconfiava de tudo! Era o aviso maximo do seu esgotamento, a exigencia suprema de repouso de suas energias exaustas, e a que não podem fugir os melhores machanismos. Breve era o descanso, em pouco se refazia; e eil-o novamente no turbilhão em que vivia, ostentando no espirito sadio o mesmo sonho de trabalho, o mesmo ideal e a mesma fé inalteravel no futuro.

A vibratilidade extremamente viva do seu espirito foi certamente o solo propicio em que lhe nasceu a affectividade sensibilissima. Adivinhava-a quem o conhecia apenas; sentia-a, desconcertante, quem o teve como desaffectedo, que foi generoso e magnanimo; mas sobretudo a gosou, em suavidades deliciosas, quem lhe mereceu as graças da amizade, e, ao contacto de todo o dia, pode sentir o encanto e a delicadeza de sua alma, a dóse de tolerancia e de infinita piedade com que julgava os homens, sem lhe alterar a rectidão inflexivel, a fortaleza de animo, a perfeição e a belleza de todos os sentimentos nobres e elevados que formavam os elementos componentes de sua completa organização moral.

Viveu sempre dentro de um grande sonho. Era um idealista no mais largo sentido desse termo. Talvez esteja ahí a razão por qué viveu contente e se entendeu sempre bem com os moços, para quem, oh justo premio! dirigiu, commovido, como numa despedida, as ultimas palavras que pronunciou em publico.

As aggressões e as injustiças da vida, no convivio com os homens maduros, podiam dar por vezes o arrepio de que iam, tocar-lhe, no alto, o Ideal. Vão temor! Vigilante, lá estava o olhar agudo da aguia. Espalmava as poderosas azas, fendia o espaço em demanda do pincar de outros sonhos, levando consigo, no seio, o symbolo sagrado para protegel-o da mira calculada dos matadores da fé, espingardeiros de tocaia, amigos da humidade, que o espreitavam cubiçosos do fundo das grotas.

Este ideal pairou nos cimos, inacessivel, até o seu ultimo momento. Morreu com elle e por elle; e, talvez, tenha morrido feliz; resignado, ao menos, do que soffreu na terra..

Oswaldo Portugal

FAUNA CADAVERICA BRASILEIRA

Já se notou, e com razão que o Prof. Oscar Freire, embora fosse um intellectual na ascepção mais completa do vocabulo — vivendo n'um trabalho continuo, ininterrupto, da sua intelligencia de escól — não deixou, todavia, obra escripta de vulto. E isto é uma grande falha, sobretudo para o publico em geral que, não tendo elemento condigno, não ajuiza bem do verdadeiro valor dos homens do vulto mental de Oscar Freire.

A sua obra, toda em fragmentos, difficulta bastante uma opinião de conjunto...

A "Revista de Medicina" entretanto, vae tentar minorar o mal pela divulgação posthuma do grande professor, feita na vulgarisação da sua obra inedita, embora fragmentaria.

*
* *

Ainda ha poucos dias, conversando com o dr. Flaminio Favero, tivemos ensejo de tocar neste ponto — o pouco que Oscar Freire publicou. E, ao passo que obtinhamos da sua generosidade a preferencia para estas publicações, sabiamos, um pouco, dos designios de homem de sciencia de Oscar Freire.

*
* *

Na verdade, arrebatando-o tão cedo, a morte trouxe á medicina legal no Brasil, prejuizo enorme.

Porque Oscar Freire pretendia, talvez em collaboração com Afranio Peixoto — outra gloria nacional da especialidade — a publicação de um Tratado Brasileiro de Medicina legal...

Será esta a causa porque, estudando tanto e possuindo tão valiosos apontamentos sobre medicina legal, nunca fez um livro siquer? Seguramente o é.

*
* *

Ao Dr. Flaminio Favero, a quem ficou todo o valioso espolio scientifico do pranteado mestre, somos muito agradecidos pelo ensejo que nos offerece de prestar á memoria de Oscar Freire a justiça, e á Faculdade de Medicina o grande bem de trazer á publicidade tão uteis estudos.

Eis, na integra, a conferencia a que alludimos.

FAUNA CADAVERICA BRASILEIRA

*Conferencia realisada pelo Prof. Oscar Freire, em 1921, no centro
Academico "Oswaldo Cruz"*

Devo pedir-vos ,antes de mais, uma rectificação. Não é uma conferencia que vou fazer, apurada na forma e na substancia, minuciosa e erudita, segundo os moldes classicos. Mas uma palestra, singela, despretenciosa, visando unicamente dizer-vos as conclusões a que arribei dos meus estudos sobre a fauna cadaverica brasileira. Venho apresentar-vos, meus estimados discipulos, um apanhado, sem minudencias, da communicação que acabo de fazer á Academia Nacional de Medicina em memoria que espero vêr em breve publicada.

Resgatando velho compromisso que assumira quando, em 1916, a douta Academia me elevava por nimia generosidade ás alturas estonteantes, perturbadoras para mim de seu membro honorario, pensei tambem que os meus modestos estudos, em parte feitos na Faculdade de S. Paulo, patenteariam que aqui nesta casa, até nos departamentos em que a mediocridade domina, a fraqueza preside, ha sadia preocupação de trabalhos em pról do advento perfeito de uma sciencia exclusivamente brasileira.

Mas não poderia esquecer S. Paulo, terra abrigósa, que eu preso porque nella pulsa o coração do meu paiz, terra acolhedora, em cujo regaço maternal, de tantas graças para mim, goso a doce illusão de reviver melhores sonhos, e de me sentir tão bem como se a ella me ligasse um longo passado commum. Ha uma virtude contemporanea que não possuo: a da ingratição.

Cada um dá o que tem. O que na minha indigencia tenho de melhor é esse nada, o producto das minhas investigações, dos meus estudos, dos meus trabalhos. Não corresponde a offerenda ao muito que vos devo. Mas tambem não me envergonha. O acaso quiz que o maior peculio para esboçar esse novo e interessante capitulo na medicina legal brasileira fosse meu.

E ahi está poque não temi em arrojtar os perigos de abusar da vossa paciencia, fazendo esta palestra.

Certa vez, em França, ha justamente 71 annos, um modesto medico provinciano, Bergeret, apertado na difficil conjunctura de determinar o tempo da morte de uma creança, cujo corpo mumificado continha larvas e chrysalidas de insectos, lembrou-se, ante a fallencia dos recursos que a chronologia putrefactiva lhe facultava para o caso, de recorrer ao estudo da fauna dos cadaveres, conseguindo, dest'arte, firmar diagnose peremptoria e precisa. Esse relatorio abria uma esperança para os medicos le-

gistas. Lançava a semente que mais tarde fructificaria num dos mais bellos e curiosos capitulos da medicina legal de nossos dias.

Não ousarei contar-vos, por meudó, as vicissitudes porque passou o problema, nem vos enumerar os copiosos trabalhos, que ora alçavam o estudo da fauna cadaverica ao nível do recurso mais seguro e valioso para a chro-nothanatognose, como se diz na arrevesada terminologia medica, ora restringiam seus prestímos a quasi nada, quando lhe não negavam qualquer importancia ou serventia.

everei, porém, citar-vos o verdadeiro creador desse capitulo da sciencia dos nossos dias, o sabio entomologista Mégnin, que o estudou com carinho, systematisou e deu-lhe emfim foros de cidadania scientifica. Com elle chegou a questão ao apogeu: seus trabalhos resumem o maximo que o estudo da fauna cadaverica prometteu á medicina legal. O problema medico legal mais importante que a fauna cadaverica pretendia resolver, era o da determinação do tempo da morte. Baseava-se em dois principios. Creado na época em que alvoreciam as pesquisas sobre os germens da putrefacção, acreditando-se que os microbios não entravam atabalhoadamente na faina da decomposição cadaverica, senão em ordem methodica, regular, constante, uns em pós outros, o systema se firmava em que a putrefacção evolve por phases succesivas, regulares, de insochronismo perfeito, de sorte que a composição chimica do corpo em putrefacção se ia alterando progressivamente, sempre na mesma ordem e em limites de tempo mais ou menos iguaes até a reducção final. Aceito esse postulado, admit-tia Mégnin que o insecto como o acariano, quer fosse ao cadaver para nutrir-se, quer para garantir á sua próle meio nutritivo farto e conveniente ao crescimento, só o procurava quando a putrefacção havia attingido a phase cuja constituição chimica lhe era mais favoravel. Dest'arte, a cada periodo putrefactivo correspondia uma turma, uma legião, de trabalhadores da morte, segundo a pinturesca expressão de Mégnin.

E assim se construiu o eschema das turmas dos trabalhadores da morte, que o quadro nos apresenta

O principal meio de diagnostico do tempo da morte é facil de deduzir: conhecido o insecto, estava sabida a phase da putrefacção correspondente. Para ter o tempo bastava recorrer á chronologia das transformações cadavericas. Notareis, de certo, que sem uma chronologia da putrefacção exacta de nada pode servir o dado entomologico. E objectareis: o systema era um luxo scientifico, desejo de achar a verdade por vias complicadas, de fazer sciencia desprezando os methodos directos e simples: e mais seria recorrer directamente ao exame das phases da putrefacção.

Mas succede que, muito antes de se revelarem aos nossos sentidos as varias alterações da decomposição, já as percebem os insectos. As transformações chimicas dos cadaveres se processam com desprendimento de gazes que escapam ao nosso olfacto, quando pouco intensos, mas que não passam despercebidos ás finas qualidades de que no particular são os insectos dotados. Se de referencia aos insectos frequentadores dos nectarios, os que se nutrem das flôres, ha motivos ainda hoje para vacillar sobre si, na pesquisa do meio alimentar, os orienta e guia a vista ou o olfacto, ninguém duvida mais de que a este, só a este, devem os chamados insectos necrophagos acharem facilmente os alimentos predilectos.

Knuth e Wheeler, examinando a inflorescencia do *Arus dracunculos*, que não pode fornecer aos insectos necrophagos meio alimentar nem condição favoraveis des postura, observaram grande frequencia de moscas e de besouros de cadaveres. E' que essas inflorescencias desprendem odor putrido intenso e o olfacto fino illudio os insectos que por elle guados ali foram ter. E' prodigioso o poder de olfacção desses minusculos seres. Collocae num ponto em que verificastes não haver uma só mosca, um só besouro, um fragmento de carniça e instantes depois como por encanto vereis enxames de moscas zumbindo em torno, ou se repastando na sanie, enquanto besouros operosos trabalham sob o fragmento. Mais de uma vez, depositei numa lata fechada, tendo na tampa alguns orificios de 2 a 3 c. de diametro fragmentos de carne fresca, e escondendo-a na cova do Instituto Nina Rodrigues da Bahia, nos pontos menos accessiveis, onde habitualmente não havia insectos. Tempos depois, encontrava a carne cheia de larvas de moscas *Chrysomya*, *Synthesiomya*, *Sarcophaga* e muitas vezes um besouro (*Silpha*). Podem, pois, os insectos no particular, receber o titulo que lhes deu Mégnin de verdadeiros reagentes animados; reagentes vivos cuja presença revela alterações chimicas que nós, em que pese a humilhação, reis dos animaes, não somos ainda capazes de descobrir.

O quadro que vos mostrei evidencia que as turmas de trabalhadores só se poderiam mostrar no corpo exposto ao ar livre. A inhumação interromperia a série ou crearia outra conforme a riqueza faunistica dos tumulos. Donde distinguir no estudo da fauna a parte relativa aos cadaveres expostos ao ar livre da parte concernente aos inhumados. Todos os commentarios que vou fazer referem-se exclusivamente á primeira; da ultima dir-vos-ei duas palavras ao rematar esta palestra.

Os recursos que o systema de Mégnin offerecia para a determinação do tempo da morte não estavam só na successão regular dos insectos. Era um ponto de partida, a que se conjugavam outros elementos de convicção. Promettia Mégnin, avaliar-se o tempo da morte pelo numero de gerações, pela influencia paralyzadora exercida pelos frios sobre os insectos, pelo praso necessario para que se completasse o cyclo evolutivo dos insectos, postura do ovo (ou da larva como se dá com as moscas Sarcophagas), transformação da larva em pupa ou chrysalida, eclosão desta e sahida do adulto ou imago.

As victorias que algumas vezes o methodo obteve, o engenho que elle revelava, a novidade do systema e attracções que os estudos entomologicos geralmente exercem, mas sobretudo a angustia em que se viam os medicos peritos carentes de meios seguros que os norteassem na diagnose difficilima deram aos estudos de Mégnin repercusão larga e intensa. Não tardaram os commentarios theoreticos, nem se fiseram esperar as verificações praticas, a cujos resultados contradictorios já tive occasião de alludir. E dessa congerie de pesquisas, que se dilattam de 1894 a 1912, resulta apenas indecisão, incerteza e duvida sobre o valor do systema.

Quem compulsar os compendios e tratados, observa admirado que postos a margem os amorphos, que descrevem, mas não apreciam, emquanto alguns endeosam o processo, como o unico meio capaz de ser util, outros o procrevem por inutil, quando não por pernicioso, e a maioria duvida, suggere reservas, aguarda pesquisas novas. Ainda nos livros mais recentes vereis declarado que o problema demanda ainda revisão exprimental, todos apellando para os estudos novos que venham esclarecer pelo menos as duvidas maiores. E' o mesmo o estado de espirito dos escriptores de Medicina Legal no Brasil. Por estudos nossos clamavam Souza Lima, Afranio Peixoto e Diogenes Sampaio. O 2.º na ultima edicção do seu livro, affirma que a contribuição começou a chegar com o estudo que a respeito publiquei em 1914. Realmente estou convencido de que me cabe chronologicamente a prioridade dos estudos brasileiros. Data de 1908 o meu primeiro trabalho. O que antes se publicou, o artigo de Domingos Freire, é reflexo impessoal dos trabalhos de Mégnin; resumo de vulgarização apenas, sem qualquer contribuição propria. Trabalhava em 1906 como prof. de sciencias natu-raes elementares, quando pensei em reunir uma collecção de insectos cadavericos dispostos segundo os trabalhos formosos de Mégnin. Tentado o esforço, profunda desillusão me esperava: eram diversas as especies nossas e a seriação esperada não se mostrava. A fortuna, generosissima, elevando-me a cadeira em que illuminara o espirito original da Medicina Legal brasileira, Nina Rodrigues, transformou em dever de consciencia o que eu desejava obter para contentar a curiosidade insatisfeita, enchendo do encanto de taes observações as raras horas de lazer de uma vida trabalhosa e humilde. Diogenes Sampaio, em sua These de 1909, regista nominalmente o começo de minhas investigações. Em 1908 apresento á Sociedade Medica da Bahia a primeira collecção brasileira de insectos necro-

phagos e os primeiros resultados dos meus estudos. Nesse anno publica Roquette Pinto nota sobre o assumpto, com excellente commentario theorico. Em 1912 Luederwalt, procurando material de beouros, para as collecções do Museu Paulista aproveita a oportunidade para fazer algumas observações sobre o problema e publica uma lista de insectos necrophagos, que se é deficiente quando aos dipteros constitue valiosa contribuição sobre os coleopteros da fauna cadaverica, embora não cuidasse com a devida minucia do ponto de vista medico-legal. Em 1914 publico eu nota sobre a fauna cadaverica na Bahia, citando grande numero de dipteros estudados e trazendo mais copioso contingente ao estudo medico legal da questão. Em 1919, Belfort Mattos, por suggestão minha, estuda no meu laboratorio, um genero de moscas necrophagas: as sacrophagas de S. Paulo. Agora estou eu a abusar da tolerancia alheia, pensando em revêr numa synthese todo o interessante problema. E ahi está, que eu saiba, toda a contribuição nacional sobre a fauna cadaverica.

A primeira questão a estudar no problema medico legal da fauna cadaverica é a de saber se os insectos e acarianos que aqui frequentam os cadaveres no Brasil, são os mesmos, que os atacam e destroem na Europa e na America do Norte.

Para entenderdes a lista que vou apresentar-vos, é mister que vos explique o criterio que segui no organizal-a. A expressão Fauna Cadaverica comporta sentidos varios e bem diversos. Strauch inclue na fauna dos cadaveres todos os animaes que atacam corpos em decomposição: mamiferos, aves, peixes, insectos e acarianos.

Outros pensam restringil-a aos insectos que tem phase de sua vida, a larvar, obrigatoriamente ligada aos cadaveres.

Houve quem pretendesse distinguir como Delorme uma fauna constante dos insectos e acarianos que vão sempre aos cadaveres, necrophagos obrigatorios, como se costumam chamal-os, — e outra accidental, dos que não vão constantemente aos cadaveres, — necrophagos facultativos. Meu criterio foi diverso e baseou-se no ponto de vista de que estudei toda a questão: o interesse medico-legal.

Creio que em verdade se pôde affirmar que, necrophagos obrigatorios não existem, ou são rarissimos. A fome é má conselheira e no proprio mundo os insectos, premido pela fome, o individuo, se esquece do luxo das suas predilecções. Especies de insectos cadavericos frequentam excrementos não só excrementos, substancias outras vegetaes ou animaes em decomposição, conforme os azares da fortuna. Exemplos esclarecem melhor. E' a mosca das casas u mtypo de insecto omnivoro no adulto, mas, as larvas tambem se encontram em variados meios. Certos lepidopteros cadavericos com as Aglossa, pequenos bezouros de cadaveres, como os Anthrenus, os Dormestes são assiduos frequentadores das bibliothecas, roendo o couro das encadernações, pelles, pellissas, pergaminhos. Uma pequena mosca, Drosophila repleta, tida como só frequentadora de fructas e de

materia em decomposição, foi por mim encontrada na Bahia e no Rio em cadaveres e nelles creada.

Pareceu-me que, do ponto de vista medico legal, se deviam incluir na fauna cadaverica, em primeiro lugar, os insectos que ahi vão ter para a postura, procurando nesse meio uma vida facil e abundante para a sua próle numerosissima geralmente. Constituem a maioria, são os mais importantes. Depois, virão os necrophagos só na phase adulta, aquelles que não dependem, no tempo de larvas, dos cadaveres, que não são, via de regra, necrophagos obrigatorios, mas que não desdenham o prazer de se repastarem largamente na sanie ou nos detricos da decomposição.

Commumente, o insecto que tem a vida larvãr ligada ao cadaver tambem é necrophago, de preferencia na sua ultima phase, na idade adulta. Mas, ha excepções e algumas, curiosas. Quereis vêr? O *Anthrenus museorum* é um minuscuro coleoptero dos museos. Não foi ainda assignalado no Brasil que eu saiba, mas é especie cosmopolita e entre nós deve existir tambem. Vive a larva nos couros, nas pellissas, nos pergaminhos, nos cadaveres. Ahi se desenvolve, ahi se forma a crysallida ou pupa. Ahi a pupa evolve, e da feissima larva surge o minuscuro besouro.

Mal que surge desprende o vôo e abandonando o meio em que viveu nessas phases inferiores da existencia, vae um busca das flôres, em cujo nectario colhe o alimento e passa a época agitada dos amores, para voltar um dia ao meio primitivo, e nelle deixar a progenitura. O mais frequente é o contrario: de modo que só na phase adulta vão aos cadaveres. Destes, no nosso ponto de vista, ha uma differença a fazer. Uns não produzem no corpo alterações apreciaveis, sua collaboração é nenhuma na obra saneadora da destruição do cadaver. Outros, porém, exercem função de vulto no destruir os corpos ou, quando nada, deixam nelles vestigios que podem importar ao medico legista. São desta ordem, por exemplo, entre nós, as baratas, as nojentissimas baratas, omnivoras e insaciaveis, que constituem um flagello que nos persegue durante a vida e que nem depois da morte nos deixa em paz, nem a paz do sepulcro respeitam. Produzem lesões nos cadaveres recentes, as quaes muito medico legista já confundiu com excoriações de outra origem. Estão sempre em torno dos cadaveres no ultimo periodo, roendo os detricos desseccados. São tão vorazes e impertinentes, que até aos vivos atacam e um viajante inglez, ha muitos annos, informou que no Brasil eram tantas e tão perigosas que comiam as creanças vivas.

Assim são as formigas, cujo trabalho de destruição, em certas especies, é como pude observar, ponderavel, havendo collaboradoras da decomposição humida e outras que preferem os residuos desseccados. Que esses insectos devem ser incluídos na fauna cadaverica que importa ao medico legista nem pode haver duvida. Outros porém vão ao estado adulto nos cadaveres, accidentalmente, quasi estou a dizer, por capricho, no acaso de um passeio, quem sabe si no desejo de experimentar sensações novas; talvez que nisto os insectos se pareçam com os homens. Mas a sua acção é nulla, um

pouco de sanie que colhem um fragmento que apanham um quasi nada de residuo que aproveitam sem deixar lesão, sem contribuir com esforço valedio na obra destruidora. Darei um exemplo.

Conheceis bem as abelhas que só nos trazem a idéa das flôres que constituem o seu alimento predilecto. Já um poeta, querendo exalçar o perfume de uma bocca gentil, rubra, como uma corolla, contou que, por engano as abelhas nella vinham pousar desejosaas e inquietas. Com que cara ficaria o poeta, e em que furor não ficaria a amada, si soubessem que as abelhas tambem vão aos cadaveres, que não é raro encontrarem-se em certo numero, nas phases em que é mais intenso o odor putrefactivo, em que é mais forte o deliquio putrido.

Foi o que observei muitas vezês e o que soube mais tarde confirmado por Luederwaldt e Ihering. Certa vez, do interior do corpo de um cão na mais horrenda das phases da decomposição cadaverica, as vi hsair em tanto numero, quasi em enxame, que instinctivamente, com saudade, recordei o meu Virgilio ao finalisar a Georgia descrevendo o prodigio que Aristeu presenciara, vendo surgir das vicerias dellidas do animal sacrificado a multidão zumbidora enchendo de densas nuvens os topos alvos e a ramalhada das arvores, dellas cobertas, como de densos cachos.

Não exercem funcção, não produzem lesões são necrophagos accidentaes, não merecem menção especial no nosso caso. Tambem é preciso distinguir na população da fauna cadaverica um outro grupo que tem illudido muito observador, a classe dos, perdoae a expressão anthropomorpha, insectos bandidos, insectos ladrões, os predatorios. Vão ter ao corpo, não para entrar no festim necrophago, nem levados de interesse pela próle que ahi deverá viver, mas em busca da caça para apanhar outros insectos, larvas ou adultos, são caçadores que fazem do cadver a sua seva habitual. E' por vezes um gosto ver as manhas e as astucias com que, vigilantes, e emprehendedores surprehendem e atacam aslarvas inertes e indefesas ou os adultos ageis e avisados.

Não teem o que fazer na nossa lista. Importam ao entomologo, mas não interessam ao medico legista. Attendei porém, a que muita especie predatoria tambem póde ser necrophaga e, nesse caso, passará a interessar-nos. E' preciso, pois, julgar sempre por observação minudente, tendo surprehendido o insecto em plena necrophagia e não pela sua só presença nos cadaveres.

Exemplificarei. Weehleer diz que uma especie de formiga, a *Solenopis gemminata*, só vae aos cadaveres em busca de larvas de moscas. Pois eu tenho visto esta mesma especie em franca necrophagia, despedaçando, esmigalhando corpos de pequenos animaes e atacando mesmo pequenos cadaveres humanos.

Berg sustentou que um bezouro, o *Trox suberosus* só vae aos cadaveres por ser predatorio. Eu o surprehendi frequentemente em pleno e flagrante delicto de necrophagia. E quantos outros exemplos desta ordem podia dar.

Em resumo, na lista que vou ter o prazer de apresentar-vos, que é a primeira e unica lista brasileira organizada até hoje, incluye aquellas especies de insectos e acarianos que teem uma phase de sua vida ligada á do cadaver ou que são necrophagos frequentes na idade adulta, produzindo alterações de certa importancia medico legal nos corpos ou que concorrem de modo efficaz para a sua destruição. Não quero negar que fóra, dahi nos insectos, não possa encontrar o medico legista, muita nos corpos pode ser do maior valor na diagnose do transporte de de um cadaver, na determinação de condições particulares de um crime, um corpo em que se encontram abundantes piolhos de gallinha (*Drmanissus gallinae*) para usar de um exemplo trivial, devia de ter estado em contacto directo ou indirecto com as aves portadoras do parasito. E quanta vez dessa circumstancia não pode o medico legista tirar deducções valiosissimas para a justiça. Eu mesmo devo a um humilde molusco de estuarios um bello diagnostico desta ordem precisando pelo *habitat* normal do pequeno ser encontrado encravado num bronchio o local provavel num afogamento, o que, mais, tarde, a investigação policial confirmou.

Devo explicações quanto a systematica. O tropeço maior que encontrei, a difficultade mais impertinente e ás vezes até irreductivel que amargaram muitas vezes os meus estudos, tirando-me o prazer das observações sobre habitos, foi justamente a classificação. As especies particularmente entomologicas brasileiras foram descriptas em geral em livros antigos e raros, ou andam esparsas em revistas numerosas e ás vezes não menos raras da especialidade. São de difficilima consulta. Mas o peor é que mesmo quando se encontra a revista, nem sempre a descripção satisfaz, são imperfeitas e, por vezes, nellas não ha meio de basear a diagnose. E' um problema delicado e difficilimo que nem sempre o auxilio de uma velha autoridade desenganada na materia remove. Comprehendi, então, porque em certos paizes em que se considera que o Universo só existe depois da sua formação nacional, sendo tudo o mais periodo geologico, não raro se fazia em systematica o que nós, quando creanças, usavamos deante de um problema mathematico, espinhoso ou de solução difficil. Passam a esponja na pedra, consideram o passado prehistoria e novos Jeovahs cream o universo de novo. O perigo é que volvidos annos, quando a obra prima do presente já não bastar á intelligencia esclarecida dos vindouros, outros usarão o mesmo methodo e, de esponja em punho, farão da sciencia um tonel de Danaides. Por tendencia conservadora, preferi ir pela antiga e, para meu socego, no começo, andei sempre pedindo os conselhos de quem m'os podia dar, a Neiva, a Lutz, a Bezzi e a Surcuf na parte de dipteros. A Luederwaldt no que concerne a colleopteros muito devo de prestimoso auxilio para classificação de insectos da lista que aqui está. Ella se refere apenas a material estudado na Bahia, em Minas, no Ceará, no Rio e em S. Paulo.

ESHEMA DE MÉGNIN

(La Faune des Cadavres — pag. 24 a 95)

PRASO DO TRABALHO	GENEROS	ESPECIE DESCRIP- TAS	TEMPO DE DESENVOLVIMENTO	DADOS ECOLOGICOS E OUTROS	OBSERVAÇÃO	
1.ª LEGIÃO "Abrem a marcha dos trabalhadores da morte: permanecem sós no trabalho até o desenvolvimento dos ácidos graxos".	Musca	M. domestica	Larvar — 8 dias no estio — Pupal — 8 dias a 15 dias conforme a temperatura			
	Muscina	M. stabulans	Não menciona	"Tem habitos ruraes, encontra-se frequentemente nos estabulos e nas pastagens, na vizinhança de animais domesticos".	Nota: Mégnin chama o genero de Curtonevra. Cyrtonevra é que devia ser. Mas o genero Muscina é o que deve prevalecer.	
	Calliphora	C. vomitoria	No estio: larvar — 8 dias Pupal — 15 dias		"Procuram a carne fresca e os cadaveres recentes para postura; só na sua falta poem nas carnes imperfeitamente salgadas ou conservadas, ou nos cadaveres cuja putrefacção já começou.	
2.ª LEGIÃO "Logo que o odor cadaverico se faz sentir", na putrefacção inicial.	Lucilia	L. caesar	Larvar — 15 a 20 dias. Pupal — 15 a 20, conforme a temperatura.			
	Sarcophaga	S. carnaria S. arvensis S. latricus	Larvar — 8 dias, sobretudo com a temperatura elevada Pupal — 15 dias. No correr de uma estação, 3 gerações pelo menos se podem succeder.			
	Cynomyia	C. mortuorum	Não menciona		Prefere particularmente cadaveres de cães. Podem ser encontrados em cadaveres humanos, sobretudo nos campos, como as Onesia.	
	Onesia		Não menciona			
3.ª LEGIÃO "Quando os dípteros sarcophagos terminarem sua função de 3 a 6 mezes após a morte, chega a terceira turma de trabalhadores conhecidos pela avidéz com que procuram para si e para sua progenitura, substancias graxas que sofreram fermentação acida".	Dermestes	D. Lardarius D. Frischii D. Undulatus	Larvar — 3 mezes Nymphal — 1 mez		"Sempre encontrados em cadaveres cujas materias gordurosas tenham soffrido a fermentação butyrica" "Encontramos sempre pelo menos os despojos nas mumias de crianças e até de adultos que datassem de 3m da morte". "Vem-se nas consinhas e nos lugares sombrios e sujos, poem em julho".	
	Aglossa	A. pingualis	Larvar — 1 mez. Nymphal — 20 dias			
4.ª LEGIÃO "Pouco depois do desenvolvimento da fermentação butyrica nas materias graxas se desenvolve outra nas materias albuminoides, a qual é uma verdadeira fermentação caseica".	Piophilã	P. petasionis	QUARTA LEGIÃO Metamorphoses completas em 25 a 30 dias Evolução das larvas e das nymphas são rapidas quanto as das calliphoras (8+15). Podem-se observar varias gerações no mesmo anno.	São moscas ruraes, não cidadãs	Encontradas no cadaver de um individuo fallecido 10 mezes antes. Com ellas (larvas de P. petasionis) larvas de Anthomyia e Carynetes adultos.	
	Anthomyia	A. vicina (?) A. sp.?				
	Necrobia	N. caeruleus N. ruficollis	Não menciona Não menciona		"Fairmaire attribue a sua presença nas pelles e materias animais dessecadas" "a caça ás larvas de Anthrenus e de Dermestes" "Mas Mégnin viu "em cadaveres humanos ao ar livre uma dezena de mezes após a morte, occupadas a sugar os liquidos acidos que surdiam em companhia de larvas de Piophilas".	"O genero comprehende 5 especies: C. caeruleus, C. ruficollis, C. violaceus, C. rufipes. Mas duas ultimas parecem ser apenas variedades.
5.ª LEGIÃO "As fermentações butyricas e caseicas eccude a fermentação ammoniacal composta sob cuja influencia se produz liquificação e negrecida das substancias animais que não foram consumidas pelos trabalhadores das legiões precedentes".	Tyreophora	T. cynophila T. furcata T. authrophaga	Não menciona		Foi encontrada no estado larvar, principalmente em cadaveres de cães, semi-dessecados. Encontrada assim como sua larva, em cadaveres de cavallos, bois, cães, etc. semi-dessecados. Rob Dev. encontrou-a em peças anatomicas humanas.	
	Lonchéa	L. nigrimana	Não menciona		Encontramos cadaveres desta mosca e casca da pupa em 1 cadaver de criança dessecado, a morte datando de 18 mezes.	
	Ophyra	O. cadaverina	Não menciona		Encontradas abundantemente (adulto e larva) em cadaveres de crianças meio dessecados e sobretudo em cadaveres em plena decomposição deliquescente negra, datando de mais de um anno. Abunda nos cadaveres humanos inhumados ha mais de um anno.	
	Phora	P. aterruna	Não menciona		Só encontrados nos cadaveres dos grandes mamiferos e do homem. N. fossor enterra os cadaveres dos pequenos animais.	
	Necrophorus	N. lumator	Não menciona		Não enterra mas devora os cadaveres.	
	Silpha	S. littoralis S. obscura	Não menciona Larva vive muitos mezes e se transforma em nymphas depois de enterrada para passar o inverno e dar imago na primavera seguinte.		Os adultos e as larvas vivem em cadaveres cuja decomposição acceleram.	
	Hister	H. cadaverinus	Larvas vivem tanto quanto as das silphas			
	Saprinus	S. rotundatus	Os mesmos habitos dos de Hister			
6.ª LEGIÃO Esta legião acaba de absorver todos os humores de que o cadaver resta impregnado. O resultado de sua acção é a dessecação completa ou a mumificação das partes organicas que resistiram as diversas fermentações que se succederam.	Uropoda	U. mummularia	Não menciona		Encontrado por myvades no cadaver mumificado de uma mulher — Viviparó. Abita o estercos, as palhas e vive em todas as materias em decomposição. Costumes analogos aos do genero Uropoda	
	Trachynotus	T. cadaverinus				
	Glycyphagus	G. cursor G. spinipes				
	Tyroglyphus	T. siro T. longior				
	Serrator	S. necrophagus				
7.ª LEGIÃO "O cadaver ou determinadas partes delle, como os tegumentos, as membranas estão completamente dessecadas, mumificadas". Vem esta legião "roer os tecidos pergaminhados, os ligamentos e os tendões transformados em materia dura de apparencia resinosa".	Aglossa	A. cuprealis			Encontrou larvas	
	Tineola	T. bizellia			Encontrou larvas	
	Tinea	T. pellionella				
	Attagenus	A. pelio				
	Anthrenus	A. muscorum	Larvar — 1 quinzena		Como nos lepidopteros só a larva é activa. Adultos vivem sobre as flores, Encontrada muitas vezes em cadaveres de fetos humanos inteiramente mumificados.	
8.ª LEGIÃO Vem "consumir" e fazer desaparecer todos os detritos que os outros insectos deixaram e que assignalaram sua passagem" "si estes desaparecem sem deixar vestigios, a apreciação da data da morte seria muito difficil; terse-á, entretanto, a certeza de que remonta a mais de 3 annos, época em que os detritos dos insectos da 7.ª legião são presentes e accusam o fim completo de um trabalho preparado pelos antecessores".	Tenebrio	T. obscurus			Vive de detritos de insectos e de involucros de larvas e de cascas de nymphas.	
	Ptinus	P. brunneus			Lichtenberger encontrou o adulto numa mumia de criança. Mégnin o viu em uma mumia de criança datando de 3 annos.	

A FAUNA DOS CADAVERES NO BRASIL

Relação dos *trabalhadores da morte* assinalados pelos que teem estudado a fauna cádaverica no Brasil (O. Freire, G. Luederwaldt, Roquette Pinto e Belfort de Mattos).

(As especies cuja presença foi verificada por mim estão indicadas com um asterisco, e o *N* indica as que são só necrophilas).

A — DIPTEROS:

1 — Sarcophaga:

- S. chrysostoma, Wied, * N
- S. georgina, Wied. * N
- S. tessellata, Wied. * N
- S. plynthopyga, Wied. *N
- S xanthophora, Schin. * N
- S. lambens. Wied. * N
- S. comta, Wied. * N
- S. parvula, Wied * N
- S. paulistanensis, Belfort. * N
- S. Neivai, Belfort. N
- S. Freirei, Belfort. N

2 — Sarcophagula:

- S. sp.? *

3 — Musca:

- M. domestica, L * N

4 — Stomoxys:

- S. calcitrans L * N

5 — Synthesiomya:

- S. brasiliiana, Br. U. Berg * N

6 — Chrysomyia:

- C. macellaria Fbr.
- C. lutzi, Frei. * N

7 — Lucilia:

- L. eximia, Wied * N
- L. putrida, a Fabr. * N
- L. segmentaria Fabr. * N
- L. fuscannipennis, Macq. * N
- L. violacea, Fabr. (?) *

8 — Muscina:

- M. stabulans, Fall * N

9 — Ophyra:

- O. aenescens, Wied. * N

10 — Drosophila:

- D. replecta, Wall. * N

- 11 — Automola :
 A. trifaciata, Wied. *
- 12 — Sepsis :
 S. costalis, Wied. ? *
 S. sp? *

B — COLEOPTEROS :

- 1 — Creophilus :
 C. variegatus, Mann. *
- 2 — Philontus :
 P. brasilianus, Bernh. *
 ***P. ferialis*, Er.**
 P. flavo-lumbatus, Er. *
- 3 — Belonuchus :
 B. xanthopus, Solky.
- 4 — Aleochara :
 A. lateralis, Er.
 A. notula, Er.
 A. taenita, Er.
- 5 — Ttheta :
 A. lurida, Er.
 A. brasiliana, Bernh.
 A. mayalis, Bernh.
 A. Luederwaldt, Bernh.
- 6 — Oxytelus :
 O. subnitidus, Bernh. *
- 7 — Hoplaudria :
 H. aleocharoides, Bernh.
- 8 — Plocheonocerus :
 P. Formicarius
- 9 — Oligota :
 O. brasiliensis.
- 10 — Hister :
 H. punelifer, Payk, * N
- 11 — Saprinus :
 S. azurens, Schlag. * N
 S. canalisticus, Mars. *
- 12 — Platysaprinus :
 P. latimanus, Sch.
- 13 — Phelister :
 P. rufinotus.
- 14 — Dermestes :
 D. Frischii. * N
 D. vulpinus, Fabr. * N
 D. sp?

- 15 — *Necrobia* :
 N. rufipes, Fabr. *
 N. ruficollis, Deg. *
- 16 — *Silpha* :
 S. cayannensis, Sturm. * N
 S. sp.?
- 17 — *Prostenus*
 P. pericetis
- 18 — *Xystropus* :
 X. femoratus.
- 19 — *Cauthon* :
 C. curvipes, Har. * N
 C. tristis, Har. * N
 C. dives.
 C. rutilans, Har *
 C. podagricus, Har.
 C. f maculatus, Lart.
 C. conformis, Har.
- 20 — *Deltochilum* :
 D. morbillosum, Burm.
 D. furcatum,
 D. sulphuratum Felsche.
 D. brasiliensis :
- 21 — *Trichilum* :
 T. heideri.
- 22 — *Canthidium* :
 C. pauperatum, Germ.
 C. decoratum, Perty.
 C. apicatum, Har.
 C. breve. Germ.
 C. splendidum, Har.
 C. dispar, Har.
- 23 — *Pinotus* :
 P. ascanius, Har. *
 P. semiaeneus, Geom. *
- 24 — *Phanaeus* :
 P. bonairensis, Gory.
 P. ensifer.
- 25 — *Onthophagus* :
 O. hirculus. *
 O. bidentatus *
- 26 — *Trox* :
 T. pellularis. Germ. *
 T. suberosus, Fab. *
 T. gemmiingeri, Har. *

G — LEPIDOPTEROS :

- 1 — Tinea :
 - T. pellionella L. * N
- 2 — Aglossa :
 - A. xuprealis, Hub. ? * N

D. — ORTHOPTEROS :

- 1 — Periplaneta :
 - P. orientalis, L. *
 - P. americana, Fab. *

E — HYMENOPTEROS :

- 1 — Camponotus :
 - C. abdominalis, Fabr. *
 - C. rufipes Fabr. *
 - C. maculatus, var. fuscocinetus, Em.
- 2 — Solenopsis :
 - S. gemminata, Fabr. *
 - S. pylades, For.
- 3 — Crematogaster :
 - C. rochai, For. *
 - C. quadriformis, Rog.
- 4 — Eciton :
 - E. praedactor. *
 - E. raptus :
- 5 — Prenolepis :
 - P. fulva, Mayr *
- 6 — Donymymex :
 - D. pyramicies, Rog.
- 7 — Dolichoderus :
 - D. attelaboides. *

F. — ACARIANOS :

- 1 — Uropoda :
 - U. sp? *
- 2 — Trachynotus :
 - T. sp.? *
- 3 — Tyroglyphus :
 - T. sp? *

Ao lado dessa lista, julguei conveniente organizar uma lista comparada das espécies que ocorrem nos cadáveres, na Europa, no Estados Unidos de America do Norte e no Brasil.

RELAÇÃO DAS ESPÉCIES ASSINALADAS NAS MONOGRAFIAS E LIVROS DE MEDICINA LEGAL NA FAUNA CADAVERICA DA EUROPA, DA AMERICA DO NORTE E NO BRASIL: — (Méglin, Johnston e Villeneuve, Hough, Motter, Howard, Niezabitowsky, Strauch, Yvanovitich, Delorme, Guiart, Tamassia, Roux, Oscar Freire, Belfort de Mattos, Luederwaldt e R. Pinto).

EUROPA

AM. DO NORTE

BRASIL

I

DIPTEROS

A

SARCOPHAGIDAE

1) SARCOPHAGA:

S. carnaria.
S. arvensis.
S. latricus

S. sarraceniae.
S. assidua.

S. chrysostoma.
S. georgina.
S. tessellata.
S. plynthopyga.
S. xanthophera.
S. lambens.
S. comta.
S. paulistanensis.
S. parvula.
S. Neivai.
S. Freirei.

2). — CYNOMYIA

C. mortuorum

C. cadaverina.
C. americana.

3). — ONESIA

O. sp.?

4). — SARCOPHAGA:
GULA:

5). — HELICOBIA: S. sp. ?

H. quadrisetosa.

B

MUSCIDAE

1). — MUSCA

M. domestica.
M. corvina.

M. domestica.

M. domestica.

2) — STOMOXYS

S. calcitrans.

3). — SYNTHESIO-
MYIA

S. brasiliانا.

4). CHRYSOMYIA

C. macellaria.

C. macellaria.
C. Lutzi.

5.) — CALLIPHORA

C. vomitoria.
C. erythrocephala.

C. erythrocephala.
C. nigribucca.
C. groenlandica.
C. variabilis.
C. latifrons.

6). — LUCILIA

L. caesar.

L. caesar.
L. sericata.
L. sylvarum.

L. eximia.
L. putrida.
L. segmentaria.
L. fuscanipennis.
L. violacea.

7). — PYRELLIA
P. cadaverina.

M. stabulans.

8). — MUSCINA
M. stabulans.
M. assimilis.

M. stabulans.

C

ANTHOMYIDAE

1). — OFHYRA

O. cadaverina
O. anthrax
O. leucostoma.

O. leucostoma.

O. aenesceus.

2). — ANTHOMYIA

A. vicina.
A. sp?

3). — SPILOGASTER

S. sp?

4). - HOMALOMYIA

H. brevis?

D

DROSOPHILIDAE

DROSOPHILA

D. replecta.

E

SAPROMYZIDAE

LONCHEA

L. nigrimana.

F

ORTALIDIDAE

AUTONSOLA

A. trifaciata.

G

SEPSIDAE

1). — PROCHYLIZA

P. xanthostoma.

2). — SEPSIS

S. costalis?

S. sp.?

3). — PIOPHILA

P. casei.

P. nigriceps.

P. patasionis.

P. casei.

P. nigriceps.

P. affinis.

H

PHORIDAE

PHORA

P. aterrima.

P. aterrima.

I

BORBORIDAE

BORBORIS

B.equinus.

J

TYREOPHORA

T. cynophila.

F. furcata.

T. anthropophaga.

STRATROVYIDAE

Hennelia ellucens.

II

COLEOPTEROS

A

STAPHILINIDAE

1). - STAPHILINUS

S. maxillosus.

CREOPHILUS

C. variegatus.

2). — PHILONTUS

P. ebeninus.

P. ebeninus.

P. aeneus.

P. brasilianus.

P. ferialis.

P. flavo-limbatus.

P politus.

4) — BELONUCHUS

B. xanthopus.

5) — ALEOCHARA

A. lateralis.
A. notula.
A. taeniata.

6) — ATHETA

A lurida.
A. brasiliiana
A. mayalis.
A. luederwaldt.

7) — OXYTELUS

O. subnitidus

8). — HOPLANDRIA

H. aleocharoides.

9). — PLOCHEONOCERUS

P. formicarius

10). — OLIGOTA

O. brasiliensis.

11). — IHERINGOCAUTHARUS

I. Ypirangia.

12). — PRIONIDAS

P. sparsiventris.

13). — MEDON

M.

B

HISTERIDAE

1). — HISTER

H. cadaverinus.

H. cadaverinus.

H. punctifer.

H. foedatus.

2). — SAPRINUS

S. rotundatus
S. nitidulus.

S. rotundatus

S. azureus.
S. canalisticus.

S. assimilis.

3). — PLATYSA-
PRINUS

P. latimanus.

4). — PHELISTER

P. rufinotus.

C

PTINIDAE

PTINUS.

P. brunneus.

D

DERMESTIDAE

1). — DERMESTES

D. lardarius.
D. undulatus.
D. frischu.

D. lardarius.

D. frischu.

D. frischu.
D. vulpinus.
D. sp?

2). — ANTHRENUS

A. museorum.

A. museorum.

3). — ATLAGENUS

A. pellio.

A. pellio.

E

CLERIDAE

NECROBIA

N. ceruleus. (N. violaceus).	N. ceruleus.	
N. ruficollis.	N. ruficollis.	N. ruficollis.
N. rufipes.		N. rufipes.

F

SILPHIDAE

1). — SILPHA

S. obscura.	S. obscura.	
S. littoralis.	S. littoralis.	
S. sinuata.		
S. thoracica.		
		S. cayannensis.
		S. sp.?
	S. noveboracis.	

2). — NECHROPHORUS

N. humator.	N. humator.
N. fossor. (interruptus).	N. fossor.
N. vespillo.	
N. germanicus.	

G

NITIDULIDAE

1). — OMOSITA

O. colon.	O. colon.
-----------	-----------

2). — —RLNIZOPHAGUS

R. parallelicornis.	
---------------------	--

H

TENEBRIONIDAE

TENEBRIO

T. mollitor.
T. obscurus.

T. mollitor.
T. obscurus.

I

CISTELIDAE

1). — PROSTENUS

P pericelis.

2). — XYSTROPUS

X. fermoratus.

J

DAMELLICOR-
NIDAE

1). — CANTHON

G. curvipes.
G. tristes.
G. dives.
G. rutilans.
G. podagricus.
G. 7-maculatus.
G. conformis.

2). DELTOCHILUM

D. morbillosum.
D. furcatum.
D. sulphuratum.
D. brasilienses.

3). — TRICHILLUM

T. heideri.

4). — CHOERIDUM

C. pauperatum.

5). - CANTHIDIUM

C. decoratum.
C. apicatum.
C. breve.
C. splendidum.
C. dispar.

6). — PINOTUS

P. ascanius.
P. semiaeneus.

7). — PHANAEUS

P. bonairensis.
P. ensifer.

8). — ONTHOPHA-
GUS

O. hirculus.
O. bidentatus.

9). — TROX

T. unistriatus.

T. pilularis.
T. suberosus.
T. gemmingeri.

ANOBUDEAE

ANOBIUM

A. minutum
A. rufipes
A. paniceum.

III

LEPIDOTEROS

A

TINEIDAE

1). — TENEA

T. pelhonella.

T. pelhonella.

2). — TINEOLA

T. biselliella.

T. biselliella.

B

PYRALIDAE

AGLOSSA

A. pinguinalis.

A. cuprealis.

A. cuprealis.

A. pinguinalis.

A. cuprealis.

IV

ORTHOPTEROS

BLATTIDAE

1). — *Phyllodromia*

P. germanica.

2). - PERIPLANETO

P. orientalis

P. orientalis

P. orientalis

P. americana.

V

HYMENOPTEROS

A

ANTHOPHILA

TRIGONA

T. ruficus.

T. amalthea.
T. cagafogo

B

VESPIDAE

1). — POLISTES

P. versicolor.

2) — POLYBIA

P. nigra.

C

FORMICIDAE

1). - CAMPONOTUS

C. abdominalis.
C. rufipes.
C. maculatus.
(sub-cap. *fuscocinctus*)

2) SOLENOPSIS

S. geminata.
S. pylades.

3). — CREMATO
GASTER

C. rochai.
C. quadriformis.

4.) — ECITON

E. praedator.
E. raptus.

5). - PRENOLEPSIS

P. fulva.

6). - DORYMIRMEX

D. pyramicus.

7). — DOLICHODE-
RUS

D. attelaboides.

IV

ACARIANOS

A

GAMMASIDAE

1). — UROPODA

U. mummularia.

U. sp.?

2). TRACHINOTUS

T. cadaverinus.

T. cadaverinus.

B

SARCOPTIDAE

1) - GLYCIPHAGUS

G. domesticus.
G. spinipes.
G. cursor.

2). - TYROGLEPHUS

T. spinipes.
T. siro.
T. longior.

3). - HISTIOSTOMA

H. necrophaa.

4). — Rhizophagus

R. echinopus.

VII

THYSANUROS

1). — ACHORUTES

A. armatus.

2). — Templetonia

T. nitida.

8). — ISOTOMA

I. cinirea.

(Continúa).

PROF ALEXANDRINO PEDROZO

O Prof. *Alexandrino Pedrozo*, que a morte arrancou abruptamente, ao convívio dos seus collegas e dos seus discípulos, não era uma personalidade vulgar, quer como homem, quer como professor.

Outros dirão, melhor, da sua competencia, do seu grande preparo scientifico. Queremos aqui apenas frisar, como homenagem merecida á sua memoria, o grande amor que votava ao convívio de sua especialidade e a firmeza com que mantinha os principios porque se regia nas circunstancias varias em que precisava agir.

A sua dedicação pelas causas do ensino ia a ponto de ensinar detalhes, cuja comprehensão seria bizarra si não fosse sempre, como o era, acompanhado dos motivos porque o fazia. Muitas vezes sacrificou horas de trabalho remunerados para comparecer ao Laboratorio da Faculdade, onde a sua presença era necessaria. Foi um grande cumpridor de seus deveres. Foi mais; foi além: praticou actos de desprendimento, dispensando, muitas vezes, em proveito de terceiros, recompensas que eram legitimamente suas.

E fazia-o com modestia, ás occultas, só vindo a saber do occorrido aquelles que, como nós, circunstancias todas fortuitas ponham, por acaso, ao corrente do que se passava.

HOMENAGEM



AO DR. ALEXANDRINO PEDROSO, pranteado prof. de Microbiologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, A "Revista de Medicina"

A alma generosa não se divorciou, entretanto, do espirito firme, por vezes vigoroso até, mas que agia sempre com uma sinceridade a toda prova.

Certa vez, pedindo-lhe que em face de certa prerrogativa, agisse com complacencia, respondeu-nos elle que até com os proprios filhos, que extremecia, era intransigente, dessa intransigencia que só é dictada pela exacta comprehensão das suas obrigações.

Foi, em summa, um homem justo, recto e cuja lembrança perdurará na mente dos que foram seus amigos e seus alumnos.

A Faculdade de Medicina, perdeu, com elle, um de seus melhores e mais esforçados professores. A Microbiologia nacional, um dos seus investigadores mais pertinazes e dos seus conhecedores mais completos.

Que estas linhas singelas sirvam como homenagem á sua pranteada memoria, e que a sua obra encontre continuadores de sua tempera.

J. I. L.

A LEISHMANIA NO CÃO

Quando a morte brutalmente o colheu, enchendo a Faculdade de uma grande dôr, misturada de surpresa, o Prof. Pedroso andava em estudos, carinhosamente conduzidos, sobre a **Leishmania tropical**, a **Meningite cerebro-espinhal** e outras molestias ligadas á sua especialidade. A' meningite attribuem muitos dos seus amigos o contagio que o victimou tão cedo e inesperadamente; de experiencias sobre a **Leishmania em cães** tratou elle em varias secções da **Sociedade de Biologia**, desta Capital; é de uma ordem do dia d'aquella Sociedade que extrahimos a comunicação hoje inserta em nossas paginas.

Revivendo, assim, o nome do saudoso professor de Microbiologia, entendemos manter vivo o nosso culto á memoria querida dos nossos mortos.

* * *

Eis o trabalho do Prof. Pedroso:

Injecção do cão pela *Leishmania Tropical*

PELO

DR. ALEXANDRINO M. PEDROZO

Director do Laboratório anotomo-pathológico da "Santa Casa" de São Paulo..

e Prof. de Microbiologia da "Faculdade de Medicina e Cirurgia".

Por uma communição feita, ha alguns annos, á Sociedade de Medicina e Cirurgica de S. Paulo, tivemos a oportunidade de descrever os dois primeiros casos de **Leishmaniose tegumentar** ou **local**, affectando expontaneamente os cães e que têm sido mortos na zona servida pela estrada de ferro "Noroeste do Brasil"

Em 1913, durante uma viagem que fizemos com o Professor Brupt, na mesma região, pudemos fazer vir um desses cães já descriptos por um de nós (Pedroso), em nossa primeira communição, e dois outros, um cão e uma cadella, que descobrimos no kilometro 336 da mesma estrada de ferro.

Destes tres animaes, os dois machos morreram algum tempo após a sua chegada; tivemos, entretanto, o tempo sufficiente para fazer os exames, e constatar a **Lesishmania**, em "frotis" das ulcerações.

No que veiu do kilometro 336, achamos uma ulceração sobre a parte externa do bordo direito do nariz, quasi completamente cicatrisada, donde pudemos retirar o material apropriado para a cultura.

Destes quatro animaes, um só, a femea, sobreviveu á infecção; ella mesma morreu cinco annos mais tarde, durante a epidemia de grippe, em 1918, que foi egualmente fatal para muitos doentes portadores da infecção leishmaniotica nasopharnigéa.

Esta cadella do kilometro 336, logo depois que chegou a S. Paulo, muitas melhoras experimentou em seu estado geral, e, alguns mezes depois, apresentava ulcerações nasaes, em via de restauração, demonstrando, entretanto, alguns pequenos pontos indolentes do lado esquerdo do nariz, que, ás vezes, cicatrisavam, para se tornarem ulcerados algum tempo depois; não tendo sido possivel, nos ultimos tem-

pos, demonstrar a presença da **Leishmania**, em “frottis” do tecido tirado desta parte.

Temos, portanto, o total de 4 casos de **Leishmaniose** espontânea do cão, verificados microscopicamente, e de um destes casos com cultura; 3 destes cães sucumbiram em consequência da molestia, dando uma mortalidade de 75 o/o.

Em todos estes casos, as lesões se localizam no nariz, não tendo sido observada outra localização.

Alguns annos depois de nossa comunicação, **YAKI-MEFF** e **SCHEKHOR**, verificaram, na Asia, a existência da doença em um cão, tendo sido os primeiros a observar a forma puramente cutânea da affecção nestes animaes.

Taes são, em summa, os casos de **Leishmaniose tegumentar**, verificados no cão.

Passando, agora, á parte experimental da doença, vemos que quando se reproduz no cão, ella se mostra sempre extremamente benigna, pois que, de varios casos descriptos por **NICOLLE** e **MANCEAUX**, nenhum teve terminação fatal, nem houve necessidade de mais de tres mezes para a cura completa.

Das inoculações feitas por **NICOLLE** e **MANCEAUX**, seja do homem ao cão, ou de cão a cão, nunca a doença teve evolução semelhante áquella observada na maioria dos casos de affecção humana.

Em nenhum de seus casos, absolutamente, elles puderam observar a formação das ulceras.

Muitos outros investigadores, como **NICOLLE** e **MANCEAUX**, reproduziram a doença no cão, e todos, com resultados mais ou menos identicos.

Assim, dos cães nioculados por **LAVERAN**, com **Leishmania tropical**, varios dentre elles tiveram nodulos que soffreram punção para fins diagnosticos; é difficil de saber si as ulcerações, posteriormente desenvolvidos, tinham sido ou não consequencia das punções...

Entre elles, entretanto, em cão de seis mezes as ulcerações se desenvolveram como consequencia da evolução natural da doença, notando-se que a cicatrização reapareceu rapidamente.

Nenhum destes casos de **LAVERAN** teve um foim fatal, demonstrando, ao contrario, uma grande benignidade.

Esta grande disparidade existente na lethalidade das duas formas da doença, tanto como a differença observada no aspecto anatomopathologico da lesão, me incitaram a reproduzir, embora de uma maneira não muito completa, como

fizeram **NICOLLE** e **MANCEAUX**, n'uma de suas experiencias, empregando, para isso não sómente o "virus" e as culturas dos casos humanos observados em S. Paulo, como tambem as culturas da doença observada expontaneamente no cão.

Para nosso material temos escolhido do serviço do Dr. Lindenberg, dois casos de **Leismania**, um dos quaes apresenta sómente lesões cutaneas, e o outro já com manifestações mucosas.

As culturas empregadas foram obtidas, uma dum dos cães que fizemos vir do kilometro 336, e o outro, dum doente da clinica do Dr. Lindenberg.

Empregámos systematicamente a inoculação intradermica na região nasal desprovida de pelle, procurando sempre a que a agulha atravessasse uma extensão da parte epithelial do couro.

As culturas tinham sempre de 8 a 15 dias, e nunca conseguimos inocular uma grande quantidade de liquido, apezar da pressão exercida sobre o embolo da seringa.

Na verificação dos resultados, não temos tomado muito em conta a data do apparecimento das lesões, pois que, não é facil de apreciar no nariz do cão o momento em que o nodulo começa apparecer, bem como o momento em que a cicatrização se completa.

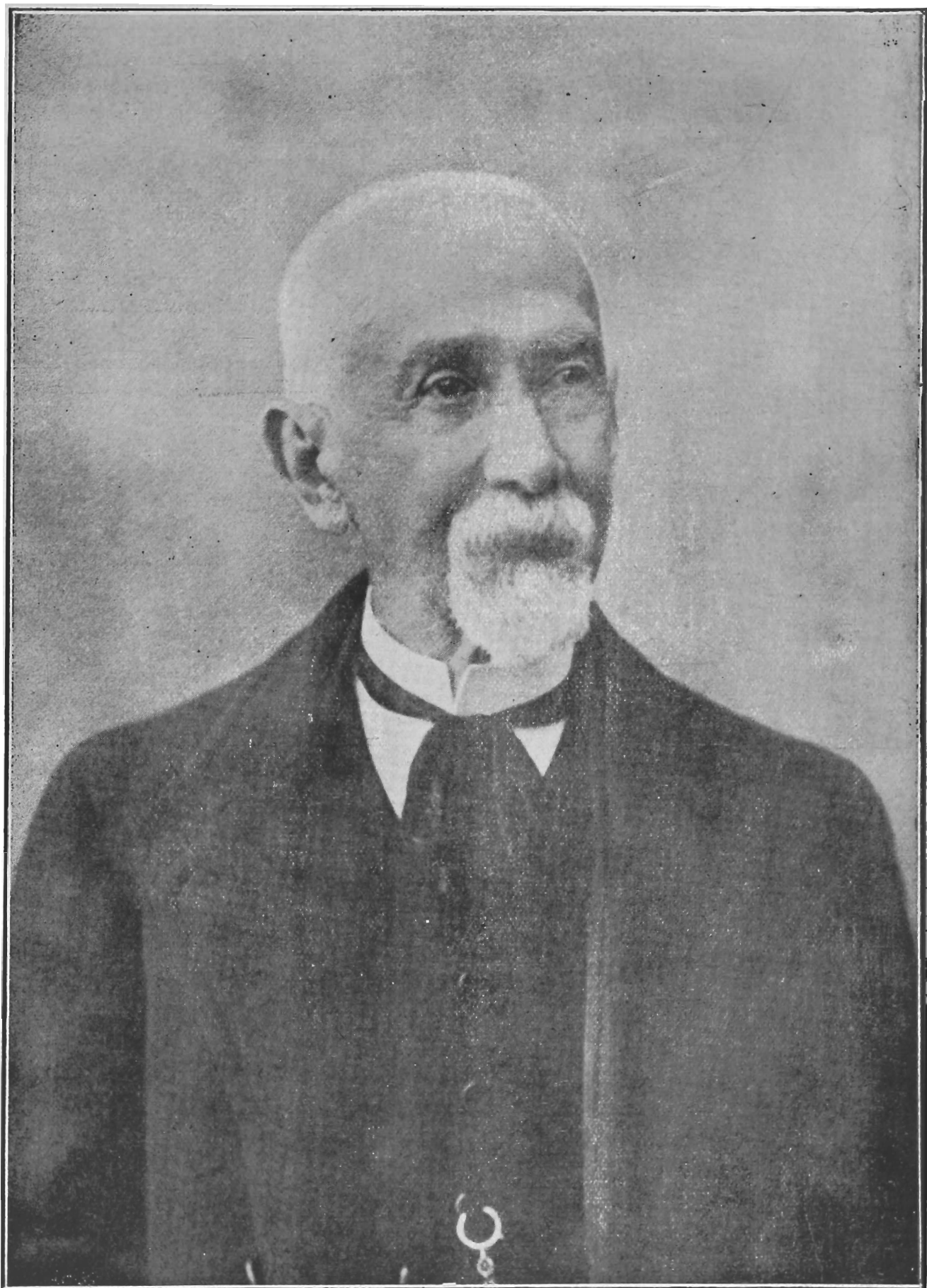
Antes, pois, de começar nossos estudos, tomamos quatro cãesinhos, de menos de dois mezes de idade e fizemos a inoculação intradermica, examinando-os ao menos duas vezes por semana, sem ter até um mez depois, verificado alguma alteração no ponto da inoculação. Depois de tres semanas, após a ultima inspecção, verificamos, com surpresa, que todos os quatro cães apresentavam pequenas ulcerações no nariz, ulcerações que augmentavam progressivamente até que mais da metade da aza nasal ficou tomada tendo, então, o aspecto das ulcerções typicas verificados no homem.

No sexto mez as ulcerações estavam aparentemente cicatrizadas.

A curiosidade, no caso, é a rapidez da evolução dos nodulos para a ulceração, depois de um periodo latente, relativamente longo.

O primeiro resultado era igualmente em completo desaccordo com o obtido pelos investigadores que tinham estudado a questão até então, pois que **as lesões obtidas por elles, não eram semelhantes áquellas observados por nós,** nem sómente á que produzia na apparencia a extensão e se-

HOMENAGEM



*DR. LUIZ PEREIRA BARRETO, Mestre de nós todos e sabio entre os Mestres,
“Revista de Medicina”*

verdade da lesão, como também no tempo necessário para a cura completa dos animaes.

Alguns scientists, tendo por base a marcha clinica, a cronicidade das lesões e a porcentagem das localizações nas mucosas affirmam que a nossa Leismmaniose é differente da Oriental.

(Continua)

LUIZ PEREIRA BARRETTO

PELO

DR. EMILIO RIBAS

A vida do dr. Luiz Pereira Barretto se resume sobretudo nas manifestações do seu talento, do seu patriotismo e bondade.

Além dos de ordem medica, os assumptos de alta revelancia social têm recebido sempre o influxo do seu saber e, no caso particular de S. Paulo, todos conhecem que elle tem voltado as suas vistas de scientist e observador emerito para os interessantes problemas agricolas e de pecuaria, procurando facilitar o desenvolvimento destes factores maximos da nossa riqueza.

Comprehendendo, porém, que o progresso, para ser completo, precisa de um povo forte e que habite em regiões salubres, o dr. Barretto vem presentando ha muitos annos o seu intelligente concurso para a solução de vitaes problemas de hygiene social.

E, si o seu talento tem triumphado por vezes em outros terrenos, não são menos admiraveis os seus serviços em pról da salubridade do nosso paiz.

*

* *

O typho americano, originario do Novo Mundo, teve os seus principaes fócios, desde época remota, no Golfo do Mexico, Antilhas e America Central, irradiando-se destes pontos, geographicamnete estrategicos, para fragellar os outros paizes das duas Americas.

Em consequencias de enormes devastações deste flagello, contam os historiadores que na trceira expedição de Colombo, á que adheriram os homens livres, pelo terror que inspirava a despovoadora peste, teve o governo hespanhol necessidade, por fim de fundar as primeiras colonias, de lançar mão dos condemnados, promettendo-lhes a liberdade.

Este facto e muitos outros, posteriormente conhecidos, demonstram claramente que a febre amarella foi, atravez dos seculos, o maior estorvo ao progresso das nações americanas.

O nosso Brasil victimado por diversas vezes em remotos tempos, foi ultimamente flagellado durante mais de meio seculo e tão profundamente se assignalou a má fama de paiz insalubre, de terra inhabitavel, que o estrangeiro vacillou em crer na nossa transformação sanitaria, que houvessemos enfim vencido o inimigo capital do nosso progresso.

E' assim que, depois da extincção da febre amarella nos nossos principaes portos e cidades do interior, um jornalista allemão procurou em Berlim o exmo. sr. conselheiro Rodrigues Alves, derlarando-lhe que havia recebido um artigo sobre as boas condições de salubridade do Brasil, mas que só o publicaria depois de ter o testemunho de s. excia., que acabava de ser o presidente da Republica Brasileira e cuja palavra de modo algum poderia ser posta em duvida.

O exmo. sr. conselheiro Rodrigues Alves, a quem se deve o maior impulso governamental para a benefica transformação sanitaria do Brasil, tinha todos os elementos para affirmar que as conclusões do artigo eram, de facto, verdadeiras e, assim, foram ellas publicadas naquella capital.

Tive tambem oportunidade de verificar em Londres, quasi na mesma época, essa incredulidade a respeito da nossa saude publica.

Attendendo a convite da Sociedade de Medicina e Hygiene Tropicaes, com séde naquella capital, para tomar parte na sessão de 19 de Fevereiro de 1909, presidida pelo notavel professor sir Patrick Manson e na qual se tratou exclusivamente da febre amarella, li um trabalho sobre a extincção dessa molestia no Estado de S. Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, fazendo-o acompanhar de projecções e diagrammas, para provar com maior evidencia as nossas excellentes condições de salubridade.

Esteve presente a esta sessão o distincto medico inglez dr. William London Strain, clinico em S. Paulo durante 17 annos, que muito trabalhou nas terriveis epidemias de febre amarella de Santos, mas que foi tambem testemunha da nossa transformação sanitaria e que citou mesmo perante essa douta Sociedade o interessante facto de ser aquella cidade procurada hoje como estação climaterica.

Terminada a sessão, o dr. Strain disse-me que as communações no sentido da que eu acabava de apresentar, eram de inteira opportunidade e muito necessaria aos creditos de salubridade do Brasil, porque, apesar da extincção da febre amarella no nosso paiz, tornava-se no momento muito util uma propaganda systematica com o fim de provar os reaes effeitos praticos de prophylaxia scientifica, e, continuando fez esta comparação:

Os grandes desastres por esta molestia foram em tal numero e durante tão Inogo tempo, que se dizer, aqui, ao nosso povo que o Brasil está livre da febre amarella, lhe causa a mesma estranheza que quando se

lhe communica que um individuo cheio de vicios e sempre bohemio se regenerou, sendo agora cumpridor de deveres — uma pessoa enfim muito séria.”

*
* * *

E' que no espaço de tempo decorrido da extincção do ma, que por tão longos annos nos infelicitou, não era ainda sufficiente para fazer esquecer a dolorosa hecatombe do cruzador italiano “Lombardia” cuja tripulação foi inteiramente dizimada pela febre amarella no porto do Rio de Janeiro, tendo tambem as de outros vapores, que tiveram de regressar de Santos e do Rio conduzidos por pessoal contractado, soffrido grandes devastações.,

Ainda não era tambem tempo de se apagar a penosa impressão causada por esta molestia ao victimar diplomatas estrangeiros e artistas celebres que procurvaam o nosso paiz; ainda se conservava a triste lembrança das grandes hecatombes produzidas pelo mortifero mal entre os immigrados para os trabalhos da nossa lavoura; perdurava, por certo, ainda a impressionante scena dos cadaveres insepultos em Campinas, por haver a grande mortalidade de certo dia vencido os coveiros pelo canção.

Foi deante destes dolorosos quadros que o illustre dr. Luiz Pereira Barretto collocou todo seu brilhante talento e patriotismo a serviço da solução do magno problema da nossa regeneração sanitaria. E ninguem melhor do que elle exprimiu em linguagem tão sincera quanto elegante a necessidade de estudos conducentes a essa solução, quando ha muitos annos escreveu: “Na questão da febre amarella em Campinas, não está em jogo unicamente a vida de uma grande cidade: essa população que se afunda e desaparece, muda e fria nas covas do cemiterio, arrasta consigo em uma só mortaiha a honra e o futuro da provincia inteira.

A cada golpe de pá ouve-se o éco, que reteumba medonhamente no exterior, apavorando a immigração, anniquilando os nosos creditos de paiz habitavel, de povo civilizado.

A resurreição de Campinas impõe-se como um dever elementar, como um ponto de honra suprema.”

E mais modernamente no seu interessante trabalho intitulado — “A logica como instrumento de pesquisa no estudo da epidemiologia” e apresentado ha 14 annos á nossa Sociedade de Medicina e Cirurgia, o dr. Barretto assim se exprime: Ha 12 annos que a febre amarella, “sicut leo quærens devoret”, grassa em S. Paulo, acastellando-se ora em um povoado, ora em outro, comprazendo-se por vezes em investir contra pequenos grupos de casas á margem das linhas ferreas. invadindo mesmo, algumas vezes, como por diversão, algumas colonos nas fazendas, sempre polvilhando de tumulos a superficie do Estado, quando não amontoa pavorosas hecatombes como em Campinas e Sorocaba.

Doze annos de flagello não serão tempo sufficiente para cada um de nós depois de observar detidamente a marcha invraiavel da epidemia em cada lugar, recolher-se em meditação e formular uma opinião sobre o seu modo de propagação?”

*

* . *

Obesrvador emerito, o dr. Barretto não acreditava nas theorias dos mestres de hygiene que pretendiam explcar a disseminação da molestia, e o seu espirito esclarecido estava tão preparado para acceitar as conclusões dos estudos feitos em Cuba pela commissão que tinha por chefe Walter Read e que considerou a “stegomyia fasciata” como o unico agente provado na propaganda do mal.

Nesse tempo, porém, surgiram no nosso paiz obejecções que pareciam fundadas, por parte de profisssonaes honestos e competentes, alguns até professores das nossas Faculdades de Medicina, que, partindo do facto de ser Havana um fóco intenso e secular da molestia, admittiam a hypothese de ter sido a febre amarella propagada por outro mechanismo que não o mosquito nos casos dos estudos experimentaes.

Foi para arredar essas duvidas, e para poder trilhar firmemente novo caminho no combate á terrivel molestia, que S. Paulo repetiu os estudos experimentaes sobre o assumpto.

Para acompanhar em todo os seus detalhes as memoraveis experiencias realizadas no Hospital de Isolamento desta capital foram convidados os distinctos clinicos drs. L. P. Barreto, Adriano J. de Barros e A. G. da Silva Rodrigues, que apresentaram um excellente relatorio confirmando inteiramente as conclusões obtidas em Havana.

Como vemos, o illustre dr. Barreto vem ha muitos annos se impressionando com o nosso estado sanitario, e é por isso que devo pôr em evidencia o seu benefico papel na extincção da molestia que tanto preoccupou a sua intelligente attenção e que infelicitou profundamente o Brasil, entravando-lhe o progresso por mais de meio seculo.

Ha 11 annos completos cessaram em todo o territorio do Estado de S. Paulo as assoladoras explosões do typho-icteroide, graças á guerra de exterminio aos mosquitos.

Em Sorocaba depois de uma enorme epidemia definida por 2.322 doentes e 877 obitos, nem um só caso de febre amarella se verificou no decorrer dos 14 annos seguintes.

Nesta cidade foi obtida nitidamente a prova epidemiologica, antes de conhecerem em nosso meio os brilhantes resultados a que chegou o general Wood, governador da ilha de Cuba e medico do exercito americano, que empregou para o saneamento daquella ilha os mesmos preceitos postos em accção em Sorocaba e finalmente o mesmo resultado favoravel é alcançado em Ribeirão Preto, onde a observação epidemiologica é por certo mais in-

interessante do que a de Havana, por não ser feita nesta cidade paulista nenhuma desinfecção nem obras de saneamento, como se executaram na capital cubana.

Tendo estado sempre o illustre dr. Barretto na linha da frente nos combates decisivos contra o maior inimigo da nossa civilização, é de inteira justiça lembrar, e eu o faço com o maximo prazer, no momento das suas festas jubilares, quando lhe são consagradas as merecidas provas de alto apreço e reconhecimento por todas as nossas classes sociaes, os grandes serviços prestados á causa da saude publica.

(Dos Annaes Paulista de Medicina e Cirurgia)

Laboratorio de Anatomia

FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO ESTADO DE
S. PAULO

Director: Prof. A. BOVERO

VARIÉDADES DAS VEIAS DA BASE DO PESCOÇO

OBSERVAÇÕES DE RAUL MALHEIROS E A. ARRUDA SAMPAIO
(QUARTO-ANNISTAS)

E' facto bem sabido que não constitue novidade encontrarem-se muito frequentemente no systema venoso disposições mais ou menos differentes das descriptas nos tratados classicos; e, precisamente por isso, nem sempre é facil a fixação de um typo constante, eschematico para cada districto do systema venoso. O desapparecimento ou a maior accentuação das disposições habituaes, — pequenas anastomoses, por exemplo — são susceptiveis de originar modalidades que representam uma passagem gradual, por vezes insensivel, entre essas disposições mais communs que se consideram portanto como anormaes, e as muitas outras que podem racionalmente ser descriptas como verdadeiras variedades, ou mesmo constituir de todo o ponto anomalias. As asymetrias frequentes sendo constantes observadas em certos grupos venosos são passiveis, é claro, de interpretação á luz do memo criterio.

Parece-nos digna de interesse a disposição algo anormal das veias da base do pescoço, por nós observadas acidentalmente numa preparação de plexo cervical e merecedora, portanto, de rapida descripção. Convictos de que não apresentam as linhas que seguem modalidades extremamente raras ou novidades, quer-nos parecer, repetimos, que estas notas offerecem interesse, embora diminuto: constituem um simples relatorio da sala de dissecção, não pretendendo ser uma contribuição ao conhecimento do sys-

tema venoso humano. E' com esta convicção que apresentamos as notas infra.

*
* * *

O cadaver em que fizemos as observações é o de um individuo robusto (cad. n.º 1168), de nacionalidade italiana, 31 annos de idade, fallecido por pleurizia em 10-5-1922. O cadaver foi injectado, como de costume em nosso Laboratorio, com uma solução conservadora de formol a 10 °|º; pela arteria femoral; assim, ficaram os vasos venosos do pescoço, na maior parte do seu percurso, cheios de sangue coagulado, como por injectção artificial das veias, o que aliás facilitou sobremaneira o seu isolamento.

A disposição das veias jugulares interna e externa apresenta-se diferentemente á direita e á esquerda.

A' direita a veia jugular externa se mostra mais calibrosa que a sua homonyma do lado esquerdo. Como nos casos normaes, apresenta-se superficialmente na parte baixa da região parotidiana e constituida pela confluencia de uma v. auricular posterior e de um ramo anstomatico com a v. facial posterior; estando vasias, ambas estas veias apresentam-se muito delgadas.

A veia jugular externa recoberta pelos feixes posteriores, obliquamente ascendentes para dentro, do musculo cuticular do pescoço, cruza com um trajecto obliquo para baixo e para fóra, a superficie lateral do m. esterno-cleido-mastoideu, estando comprehendida num desdobramento do folheto superficial da fascia deste musculo.

Depois, notavelmente augmentada de calibre, attinge a região supraclavicular, cuja fórmula triangular apparece nitidamente só após a disseccção; desce com a bissectriz desse triangulo até a base do mesmo, onde mede cerca de 1 cm. de calibre, abrindo-se, depois de perfuradas as facias cervicaes superficial e media, — mais ou menos em frente da margem lateral do musculo escaleno anterior, — no contorno superior da veia subclavia, a 1,5 cms. para fóra do ponto de reunião desta com a v. jugular interna.

Ao nível do apice do triangulo supraclavicular, os nervos transversos do pescoço e supraclaviculares contornam lateralmente e por deante a veia jugular externa.

Recobre ainda, por deante, a extremidade anterior do ventre posterior e o tendão intermedio do musculo omohyoideu, o qual passa, depois, adeante da v. jugular interna para chegar ás suas inserções hyodéas; recobre tambem o ramo descendente do plexo cervical, ramo esse que se encurva para dentro e em seguida para cima, anastomosando-se com o ramo descendente do hypoglosso para formar uma typica alça de concavidade superior, collocada adeante da v. jugular interna.

A jugular externa, logo que attinge a margem posterior do musculo esterno-cleido-mastoideu, isto é, mais ou menos ao nível do apice do triangulo supraclavicular, com a sua superficie profunda juxtapõe-se e abre-se na parede antero-externa da v. jugular interna, tendo essa fusão immediata uma altura de 1,5 cms., mais ou menos. Desta fusão resulta que, em conjuncto, a v. jugular externa se apresenta, não rectilnea, mas descrevendo um angulo fortemente obtuso, aberto para fóra e para traz. Depois desta anastomose por juxtaposição, ou antes, por meio de um tronco extremamente curto, quasi virtual, a v. jugular externa desvia-se para baixo e

para fóra, de modo a formar, vistas em conjuncto, as suas relações com a v. jugular interna, uma letra K invertida.

Considerando-se a grossa anastomose entre as duas jugulares e a união destas com a subclavia, resulta a formação de um anel venoso que delimita um espaço triangular, com cerca de 4 cms. de altura, o qual é atravessado pelo musculo omohyoideu e pelo ramo descendente interno do plexo cervical com a direcção e as relações acima lembradas.

Por seu lado, o musculo esterno-cleido-mastoideu direito acha-se comprehendido na alça, de concavidade superior, formada pela parte alta da v. jugular externa, que lhe corre superficialmente, anastomosada por juxtaposição com a veia jugular interna, que fica profundamente situada em relação ao musculo. A' veia jugular externa direita affluem, como normalmente na região supraclavicular, as vv. transversa da escapula e do pescoço, como tambem um delgado ramo procedente da jugular anterior do mesmo lado o qual decorre por baixo do musculo esterno-cleido-mastoideu.

*
* * *

Quanto ao lado esquerdo, existem disposições diferentes no seu conjuncto das precedentes descriptas, faltando completamente a anastomose entre as duas jugulares interna e extrna. A veia jugular intrena, apresentando-se quasi do mesmo calibre que a correspondente da direita, é rectilinea, cruzada em baixo e para deante pelo musculo omohyoideu.

A v. jugular é constituída, como de regra, ao nivel da superficie externa do musculo esterno-cleido-mastoideu, por um tronco ligeiramente sinuoso com cerca de 4 cms. de diametro transversal; o qual cruza depois obliquamente para baixo e para fóra a superficie do mesmo musculo, comprehendida num desdobramento de sua fascia. Chegando ao nivel da margem posterior do musculo, na parte superior do triangulo supraclavicular maior, a v. jugular externa subdivide-se em dois ramos mais ou menos equivalentes de 4,5 a 5 cms. de diametro, varicosos, sendo um delles anterior e continuando, para baixo e para dentro, o tronco principal. O outro ramo é posterior e descreve uma curva de convexidade voltada para traz.

Estes dois ramos estão comprehendidos num desdobramento da aponevrose cervical superficial que fecha o triangulo supraclavicular maior. Depois de um trajecto de cerca de 3 cms., os ramos de bifurcação da v. jugular externa confluem ainda em um tronco unico como uma fenda longitudinal; por essa abertura passa um grosso tronco nervoso, procedente da parte profunda e que se continúa com os nn. supraclaviculares medios e lateraes. A parte inferior do tronco da v. jugular externa, resultante da fusão dos dois ramos descriptos, tem um calibre de cerca de 5 mms.; perfura a aponevrose cervical superficial, assumindo um trajecto quasi horizontal, de 3 cms. de comprimento; recebe, pela sua parte anterior, um calibroso ramo, de percurso tambem horizontal, continuação da v. jugular anterior esquerda, e vae, emfim, desembocar exactamente no angulo diedro, quasi recto, de abertura voltada para cima e par fóra, delimitado pelas veias jugular interna e subclavia. Exclusivamente ao tronco posterior de bifurcação da v. jugular externa, na parede do triangulo supraclavicular maior, chegam os affluentes principaes. normaes da mesma veia, isto é: acima, logo depois da sua origem, e antes da veia ser cruzada pelos nn. supraclaviculares medios e lateraes, chega uma grande *veia subcutanea anterior do pescoço*; na sua parte media, dito tronco pos-

terior recebe uma *vena transversa solli* muito calibrosa (3 mms.) e varicosa; mais para baixo, ao nível da confluência do tronco posterior com o anterior, e no contorno inferior do tronco posterior, abre-se uma *vena transversa scapulae*; esta, satellite da respectiva arteria, a 2,5 ou 3 cms. antes da sua abertura nesse ramo posterior da v. jugular externa, já mencionado. Por esta anastomose, o tronco posterior da veia jugular externa e as porções terminaes das *vv. transversa colli* e *transversa scapulae* delimitam também um outro anel venoso, irregular, porém completo e occupado por um bloco de tecido cellulo-adiposo.

Do que procede resulta que a porção terminal da veia jugular externa, com os seus afluentes, assume uma disposição plexiforme, cujos constituintes estão logo adiante das raizes dos cordões do plexo brachial.

A dissecção dos troncos venosos brachio-cephalicos á direita e á esquerda, mostrou-nos disposições normaes, afluindo regularmente á veia cava superior.

*
* * *

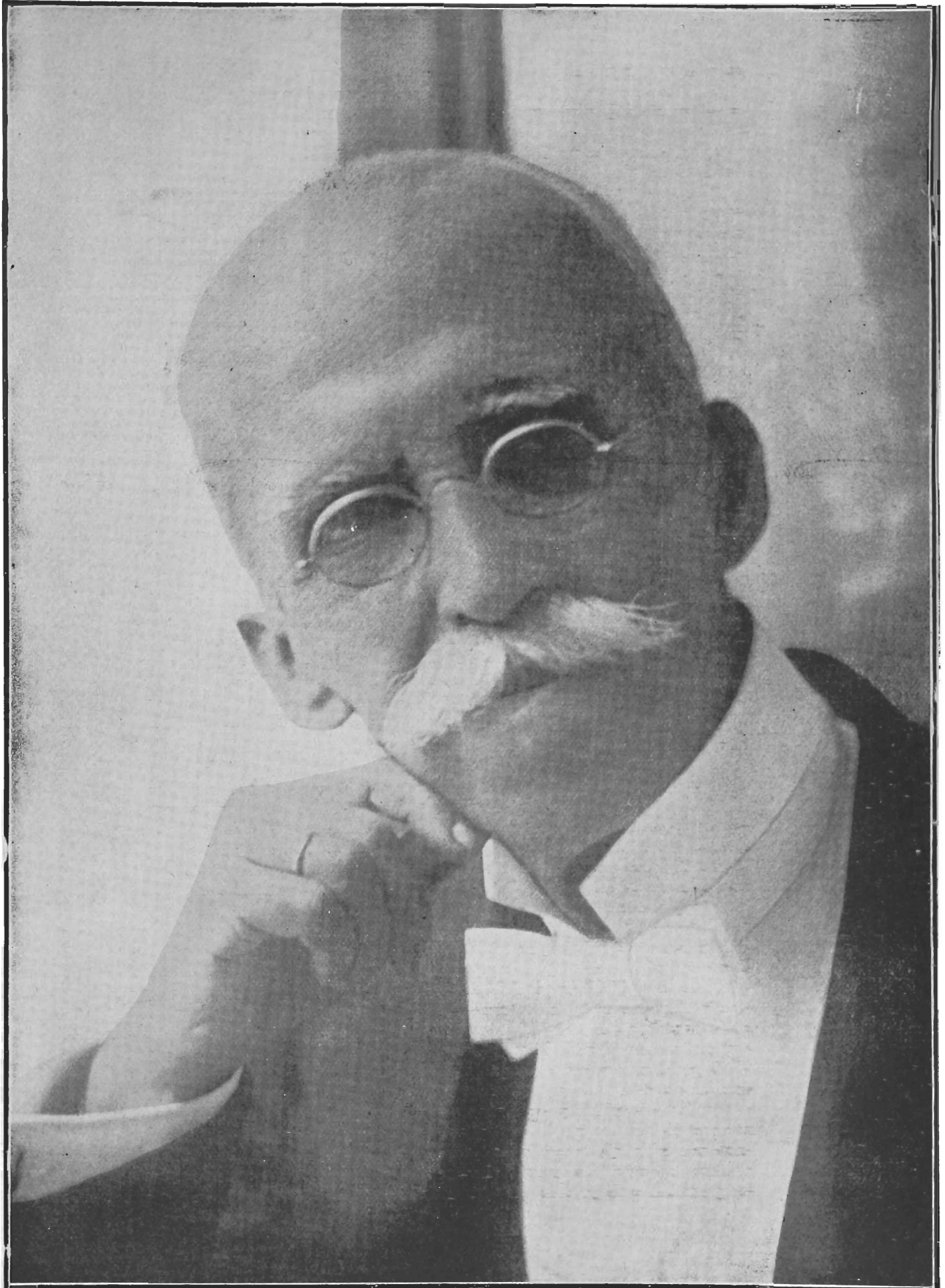
Como complemento, devemos acrescentar que no musculo esterno-cleidomastoideu da esquerda era possível distinguir quatro systemas de feixes isolados, no corpo muscular, por intesticios bem nitidos de tecido cellular frouxo: um feixe do esterno-mastoideu, mais superficial e recobrando os outros; um feixe esterno-occipital; um feixe cleido-mastoideu e um feixe cleido occipital, este ultimo de 3 mms., mais ou menos, de largura, mostrando-se isolado e paralelo á margem posterior do cleido-mastoideu até quasi ás suas inserções superiores.

Pelo contrario, a distincção, nas origens do musculo, entre um feixe esternal e um feixe clavicular era muito pouco evidente, faltando um triangulo supraclavicular menor, porque havia continuidade perfeita entre as inserções esternaes e claviculares. A' direita, a mesma disposição, faltando, porém, distincto o feixe cleido-occipital.

A exposição do comportamento do musculo esterno-cleido-mastoideu sae dos limites destas notas, já tendo sido tratada no presente anno, numa nota dos nossos collegas Gomes Julio e Leme.

O nosso intuito era apenas chamar a atenção, de um modo especial, sobre a disposição que descrevemos, das veias da base do pescoço, e que encontramos casualmente. Por outro lado, é bastante facil analysar as modalidades dessa variação no dispositivo das veias, comparando-as com as descriptas em todos os tratados classicos, quando minuciosos. (Cruveilhier, Sappey, Henle, Poirier, Testut, Chiarugi, Quain, etc.).

São Paulo, 1922.



FRY BARBOSA

RUY BARBOSA

A's 20 horas e 25 minutos do dia 1.º de Março falleceu, em Petropolis, o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.

*

Tanto vale dizer que a mais alta e mais completa encarnação da Nacionalidade Brasileira foi arrebatada no vortice da morte.

As Nações, como tudo, tem, em certas individualidades, a synthese integral da sua existencia — tomada a palavra no sentido mais alto e mais puro.

Na complexidade e vastidão da sua realidade todos os Povos, todas as Patrias têm-se a si próprios, unificados e simplicados — sua perda, por minima que seja, da sua essencia — no genio dos seus grandes homens.

*

Já foi dito, em vida, tudo o que pudesse traduzir o valôr cyclopico da sua portentosa mentalidade, a proposito de Ruy.

Seria necessario que cada um se recolhesse ao interior do seu sêr e meditasse, um momento, sobre o que póde uma intelligencia — de si vastissima — crescer e alargar-se, projectando sobre um raio sempre maior, a luz da sua cultura, quando cada dia, de setenta annos, foi vivido no esforço continuo para a sabedoria; e o que chega a sêr um homem que se propõe e tem a fortuna de realisar ideal de tão largo vôo, para comprehender o prodigio que na vida de Ruy Barbosa, teve um exemplo da mais eloquente e luminosa realidade.

*

Nem a "REVISTA DE MEDICINA" pode e nem pretende tentar, ainda, elogial-o ineditamente.

Entretanto, cercbração de tamanho vulto não soffre esta mysteriosa alteração da vida a que se chama — a Morte — sem que a consciencia de todo o seu Paiz, em cada um dos seus cidadãos, sinta um profundissimno abalo.

Como o estamos soffrendo, quem haverá, em todo este gigantesco Brasil, que o não soffra tambem?

A "REVISTA DE MEDICINA" é um pouco da Patria Brasileira e com ella vibra no rythmo da sua immensa dôr

P.

A questão do reconhecimento

Trazemos hoje a publico o texto authenticico do decreto de reconhecimento, por parte do Governo da Republica, dos diplomas fornecidos pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

Trazemol-o por duas razões, ambas opportunas e valiosas ao nosso vêr.

Os alumnos poderão, por este meio, conhecer exactamente o que é, e como foi feita a officialisação dos titulos da Faculdade de São Paulo.

Além disto, e principalmente, queremos affirmar de modo concreto a verdade, tão pura e tão justa, referindo-se a que se referia, — que a intelligencia do Prof. Oscar Freire, a serviço da sua inexcedivel amabilidade, esteve sempre ao nosso lado, efficientemente, em todas as nossas causas.

Os alumnos sabem que, dentro da Faculdade, a dois professores especialmente se deve a realisação desta grande vantagem do reconhecimento. Um d'elles é justamente o saudoso Prof. Oscar Freire. Elle foi o que se poderia chamar “o nosso advogado” Sustentou com os melhores argumentos a nossa causa e, com a sua dedicação — como todos os actos da sua vida, completamente desinteressada de vantagens pessoas — pudemos vel-a ganha brilhantemente, nos ultimos dias do anno transacto.

*

* *

“Em 5 de Agosto de 1921 foi lido, em sessão da Camara Federal, o seguinte

“PROJECTO

m.º 226-1921

Reconhece como de character official os diplomas conferidos pela Faculdade de Medicina de São Paulo.

Ha mais de oito annos funciona na cidade de São Paulo uma Faculdade de Medicina que, pela capacidade dos seus directores, pelo valor e competencia dos seus docentes, escolhidos por concurso ou contractados nos centros scientificos europeus e americanos, pela regularidade dos seus cursos, pelo rigor com que apura as aptidões e conhecimentos dos seus alumnos, pela efficiencia do ensino ministrado, vem firmando

os seus credits e já adquiriu uma bella reputação, podendo, sem favor, ser considerado um dos melhores institutos de ensino superior que o Brasil possue.

Não é uma escola livre, onde o interesse de proventos pudesse supplementar o do ensino: Tão pouco é subvencionada pelo poder publico, condição esta que não impediria a exploração feita em vista de lucros materiaes. Trata-se de uma escola genuinamente official, fundada, mantida e dirigida pelo Governo paulista, que provê a todas as suas despezas.

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi creada pela lei n.º 19, de 12 de Novembro de 1891, sanccionada por Americo Brasiliense, então presidente do Estado. Em 1912, uma nova lei, votada pelo Congresso Legislativo e sanccionada pelo Conselheiro Rodrigues Alves, estabeleceu a seriação dos cursos, regulou a constituição do corpo docente e o provimento dos respectivos cargos, instituiu a frequencia obrigatoria dos alumnos e abriu os credits necesarios á aquisição do material indispensavel á montagem dos laboratorios e mais mistéres do ensino. O decreto n. 2.344, de 31 de Janeiro de 1913, assignado ainda pelo presidente Rodrigues Alves e seu secretario Altino Arantes, approvou e mandou executar o regulamento da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

No exame destas leis e regulamentos, cujos textos submetto á apreciação da egregia Commissão de Instrucção Publica, poderá ella inteirar-se perfeitamente do modo por que foi organisada e funciona a Faculdade de São Paulo. Melhor do que isso, porém, presumo ser o meu depoimento pessoal, que deve ter algum valor no caso vertente, pois é o de um Professor, e ex-Director da Faculdade congenere do Rio de Janeiro. Ha dois annos visitei demoradamente o grande instituto de ensino medico, mantido pelo Governo paulista; percorri attentamente seus amphitheatros, gabinetes, museus e laboratorios, onde examinei trabalhos feitos por mestres e estudantes; compareci dias seguidos ás varias clinicas, melhores installadas que as nossas; troquei idéas com os professores, conversei com assistentes e preparadores, ouvi alumnos, e tudo quanto pude ver e observar, nesta minuciosa visita, deixou no meu espirito a melhor das impressões.

No entretanto, os diplomas conferidos por esta Faculdade só tem regalias dentro do territorio paulista e os exames nella prestados não são validos para a matricula nos institutos federaes de ensino.

Ora, o Congresso Nacional já se pronunciou sobre dois casos analogos. Os decreto legislativo n.º 7. de 8 de Dezembro

de 1900, reconhece como de character official, em todo o territorio da Republica, para todos os effeitos legaes, os diplomas conferidos pela Escola Polytechnica de São Paulo, e considera validos os exames prestados na mesma escola, no caso de transferencia de alumnos della para estabelecimentos federaes de ensino. Mais tarde o Congresso Nacional concedeu igual favor á Escola Polytechnica do Rio Grande do Sul, cujos diplomas ficaram equiparados aos dos institutos de ensino superior mantidos pela União.

Trata-se evidentemente de uma excepção que se justifica por serem esses estabelecimentos officiaes, creados e mantidos pelo poder publico, sem a preocupação de lucros monetarios, e obedecerem á uma organização perfeita e bem orientada.

Acredito que igual excepção poderia agora ser aberta; talvez com mais forte razão, em proveito da Faculdade de Medicina de São Paulo que, em 8 annos de vida activa e fecunda conseguiu adquirir fóros de instituto modelo, sob os pontos de vista moral, scientifico e didactico.

Nestas condições, a Commissão de Instrucção Publica submete á approvação da Camara o seguinte projecto de lei:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º — São reconhecidos como de character official em todo o territorio da União, para todos os effeitos legaes, os diplomas conferidos pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

§ Unico — Nos estabelecimentos federaes de ensino superior são validos os exames prestados naquella Faculdade.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario. Salas das Commissões, 3 de Agosto de 1921. Barros Penteado, como Presidente — Azevedo Sodré — Tavares Cavalcanti — Azevedo Lima — Xavier Marques — A. Austregesilo.”

Esse projecto, depois da 2.ª discussão, soffreu encalhe na Camara, por ordem emanada do Cattete. E' que o Presidente do Conselho Superior do Ensino fizera sentir ao Sr. Presidente da Republica que o reconhecimento da Faculdade de São Paulo, tal como se preparava, constituiria uma excepção, que se justificára em 1900, mas que já não tinha motivo de ser com a criação do Conselho Superior do Ensino.

Foi então que, sabedores do facto, os alumnos desta Escola enviaram, por intermedio do Centro, um memorial que foi entregue ao Sr. Epitacio Pessoa pelo Professor Edmundo Xavier, director da Faculdade.

Nesse memorial, elaborado pelo Professor Oscar Freire, havia larga documentação de como era regular e sufficiente o regimen da Faculdade.

Sobre esta representação foi ouvido o Barão de Ramiz Galvão que, em resposta, escreveu o seguinte parecer apresentado ao Sr. Presidente da Republica, que mandou copia para o Director da nossa Faculdade:

—Conselho Superior do Ensino — Em 6 de Dezembro de 1921 —

Não procedem as razões adduzidas pelos alumnos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo para que este instituto fique officializado, com isenção de qualquer fiscalisação federal.

Os actos legislativos, que já collocaram nessa situação *sui generes* as Escolas de Engenharia de Porto Alegre e de Juiz de Fóra e Polytechnica de São Paulo, importam num regimen de excepção lamentavel, pois os alheiam de qualquer fiscalisação official e quebram a unidade indispensavel no ensino federal.

Sem desmerecer dos seus credits, antes robustecendo-os, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo dispõe de todos os elementos para pleitear e obter do Conselho Superior a sua equiparação aos congeneres intitutos federaes.

Póde fazel-o perfeitamente, como fizeram os *Gymnasios* do mesmo Estado de São Paulo, que estão equiparados sem nenhuma escravisação ao plano de ensino seguido no collegio Pedro II, uma vez que o seu curso abrange todas as disciplinas necessarias ao preparo completo nos estudos de humanidades.

E esse espirito liberal, bem accentuado pelo Conselho com a referida equiparação, que o proprio governo do Estado sabiamente solicitára, ainda mais se justifica no caso da Faculdade de Medicina e Cirurgia, pois a letra D do art. 14 do Decreto 11.530 manda apenas que se verifique se as materias constantes dos programmas são sufficientes para os cursos de Engenharia, Direito, Medicina ou Pharmacia.

O Memorial apresentado allega que a organização da Faculdade diverge da estabelecida no artigo 191 do Decreto Federal 11.530 por inexistencia de menos cadeiras de Clinica que no instituto federal, por inexistencia de substitutos nas Clinicas especiaes, por disposição diversa das materias que compõem as sessões, etc.

Mas o proprio Memorial destroe essas allegações, mostrando que não são de moldes a desequiparar o ensino medico paulista do congenerere federal.

Em Bello Horizonte, por exemplo, o Conselho Superior, foi o primeiro a reconhecer a desnecessidade de tantas cadeiras de Clínica, como as exigidas na Faculdade de Medicina desta capital, em virtude do maior numero de seus alumnos matriculados.

Demais, o proprio Memorial reconhece que, no regimen actual, a organização das sessões é materia da alçada ds Congregações e tambem que ás mesmas Congregações attribue o Decreto 11.530 a funcção de promover as alterações necessarias que dependem do Governo Federal.

Tambem não colhe a allegação da obrigatoriedade da frequencia não exigida nos instituto federaes, porque o proprio art. 94 do Decreto 11.530 deixou a solução do assumpto ao alvedrio das Congregações.

Todos os outros pontos ventilados são assim igualmente despidos de valor, e o proprio Memorial á fls. 26 assignala que a Faculdade está perfeitamente em condições de satisfazer a todas as exigencias do Decreto 11.530.

O unico meio ponderavel é de que entendesse o Conselho Superior acertado cercear a liberdade de movimento da Faculdade dentro da lei, mas esse receio é improcedente; de facto as exigencias regimentaes, a que se refere o Memorial, foram feitas e estão sendo applicadas a institutos **particulares** equiparados, onde não podia deixar o Conselho de usar do maximo rigor para impedir abusos; ora taes abusos não é licito sequer conceber em um instituto official, como é a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo mantida pelo Governo de um Estado, que tem feito do ensino a mais nobre das suas preoccupações.

Disso já deu provas o Conselho Superior de Ensino quando equiparou os tres Gymnasios do Estado de São Paulo (da Capital, de Campinas e de Ribeirão Preto), sem que o seu funcionamento até hoje tenha soffrido peias de qualquer fórma, exercitando-se em perfeita harmonia, parallelamente á acção do Governo do Estado e á do Conselho Superir, como representante do Governo Federal.

São, pois, improcedentes os temores manifestados na exposição contida no Memorial, pois a anterior acção do Conselho em relação a institutos estaduaes de menor importancia em São Paulo comprova justamente o contrario.

Não ha pois motivo algum, que justifique a isenção da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo do regimen legal; este deve ser sempre observado, maxime em se tratando de instituto; cujos diplomas entendem muito directamente com a Saude Publica, onde convem sempre a maxima fiscalisação, o mais escrupuloso cuidado, necessidade esta tão as-

signalada, que motivou do benemerito Governo actual a acertada criação do Departamento Nacional de Saude Publica, cujos uteis serviços vão sendo cada vez mais evidentes.

A inspecção da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo só poderá servir para pôr em relêvo o seu valôr; já-mais servirá para lhe entibiar a marcha e embaraçar o progresso do ensino medico no grande Estado, de que ufanam todos os bons brasileiros.

Parece-me portanto que não se justifica o que pedem os alumnos da mesma Faculdade.

(a) Ramiz Galvão

Como o Sr. Presidente da Republica, em carta especial, solicitasse uma replica, o Dr. Edmundo Xavier dirigiu-lhe a seguinte, explicando:

FACULDADE DE MEDICINA — EM 11 DE DEZEMBRO 1921

Os proprios fidalgos elogios pelo illustre sr. Presidente do Conselho Superior do Ensino tecidos á Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo são o melhor argumento para que se conceda a esta pretendida officialisação.

Fundado pelo Governo de São Paulo, por elle mantido com uma elevada dotação orçamentaria, não visa esse estabelecimento de ensino proveito nenhum pecuniario, o que o colloca inteiramente a coberto de todo e qualquer interesse commercial na aquisição de alumnos, condescendencias nos exames ou qualquer facilitação prejudicial do curso medico.

Sem considerar despesas, mantem laboratorios e institutos, contractando no estrangeiros technicos e professores de nomeada que aqui vêm introduzir ou diffundir processos e methodos os mais modernos que existem.

A simples equiparação de uma Escola nessas condições tirar-lhe-ia a liberdade de organização e funcionamento desejaveis, obrigando-a a seguir um paradigma que, por ser realmente bom, não constitue, entretanto, o unico efficiente nem, talvez, o melhor, nas nossas condições de meio, de vida e de progresso.

A intenção que creou a Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, não visou apenas diplomar medicos mas sim estabelecer mais um centro de cultura scientifica, dentre cujas preocupações não é menor a dos problemas e necessidades medicas brasileiras.

O parecer do illustre sr. Presidente do Conselho Superior do Ensino aponta um unico argumento contra a pretendida officialisação, e é o seguinte:—ella importaria num regimem de ex-

cepção lamentavel que quebraria a unidade indispensavel no ensino federal, aliás justificavel pelo facto de ser esta Faculdade além de official, organizada nos mesmos moldes das federaes.

Além diso, para que tal argumento colhesse, seria necessario admittir, primeiro, a existencia de tal unidade.

Nas Escolas superiores, onde os letos e professores devem gosar da maior autonomia didactica, não é possivel pre traçar-lhes programma e methodos, como nas escolas primarias e secundarias, dentro dos quaes devem ministrar o ensino. Si não é possivel conter individualmente esses scientistas dentro de circulos por outrem delimitados, não o é também, contellos collectivamente, quando funcionam em bancas de exames ou se reúnem nas sessões de congregação e tenham de decidir a respeito da seriação de materias e quejandos interesses peculiares da Escola.

Em se tratando de escolas equiparadas **particulares**, comprehende-se a necessidade da fiscalisação federal, porque, como muito bem pondera o sr. Presidente do Conselho, todo rigor é pouco para impedir abusos, maxime em relação a institutos cujos diplomas entendem muito directamente com a Saude Publica.

Esse escrupuloso cuidado, porém, útil nas escolas particulares, resulta completamente inutil, prejudicial ás vezes, nas escolas officiaes de indiscutida idoneidade.

Actualmente, sob a illustre direcção do sr. dr. Ramiz Galvão, tem o Conselho uma orientação liberal. Mas, será permanente esse criterio? Não pode amanhã, sob outra presidencia, com ministros outros, mudar elle de orientação?

Desde que jamais se poz em duvida a idoneidade da Escola de São Paulo e não se lhe nega o reconhecimento de suas condições de estabilidade e desenvolvimento, nenhuma razão ponderavel para que lhe negue a officialisação, collocando-a num pé de collaboradora, com outras faculdades do Paiz, na intensificação da nosso cultura superior, podendo descongestionar a Faculdade de Medicina do Rio, cujo ensino tão prejudicado está actualmente, o que é de todos conhecido, pelo excessivo numero de alumnos que a frequentam e que ella não comporta.

A sua inteira autonomia administrativa e pedagogica não será nunca um perigo para outros Estados da União, já que os por ella diplomados podem clinicar francamente no Estado de

São Paulo que não reconhece tal perigo dentro do seu territorio.

Não se furta ella, nem pretende furtar-se, á superintendencia que o Conselho Superior exerce sobre as congeneres federaes;

submettel-a, porem, ao regimem de fiscalisação dos institutos privados, simplesmente equiparados, como a da E. Hahnemiana, será collocal-a em nivel inferior á Escola Polytechnica de São Paulo, ás de Porto Alegre e Juiz de Fóra, quando a de Medicina é official do Estado de São Paulo e, das outras tres, duas são apenas subvencionadas pelos Estados respectivos.

Ainda mais, uma das Escolas de Direito do Rio, equiparada e fiscalisada, foi incorporada á Universidade do Rio de Janeiro, gosando desse modo das regalias das faculdades federaes, regalias estas a que incontestavelmente pode tambem ter direito a Faculdade de Medicina de São Paulo.

O parecer do illustre Presidente do Conselho Superior do Ensino, não apontou, como se vê, nenhuma razão relevante contra a pretensão da Escola de São Paulo.

(a) **Edmundo Xavier**

Este documento foi entregue pelo Deputado Azevedo Sodré, que juntamente apresentou ao Sr. Presidente da Republica uma emenda para conseguir o **transeat** ao projecto na Camara. O Dr. Epitacio pediu vista dos papeis afim de resolver sobre o caso, depois de consultar o Barão de Ramiz Galvão, como entendia era de direito, promettendo resposta dentro de dois dias. Effectivamente no dia fixado o Deputado Azevedo Sodré recebia um telephonema do Sr. Agenor de Roure, Secretario da Presidencia, que lhe communicou haver o Presidente do Conselho Superior do Ensino concordado em que o projecto proseguisse marcha na Camara, pois, “a emenda não resolvia perfeitamente a questão, mas era satisfactoria” (Carta do dr. Azevedo Sodré ao dr. Edmundo).

Assim no dia 28 de Dezembro o projecto entrava em 3.^a discussão. Como o Deputado Sodré não pudesse comparecer á Camara, pediu ao sr. Arnolpho Azevedo que fizesse accrescentar a emenda.

Incumbido o Deputado Carlos Garcia de apresental-a, este não entendeu bem o recado, apresentando a seguinte:

EMENDA N.º 1

“Onde convier:

Desde que submetta ao regimem da fiscalisação e se leccione todas as disciplinas dos cursos officiaes”

Nessa mesma occasião o deputado Verissimo de Mello apresentava a

EMENDA N.º 2

“Accrescente onde convier:

E os conferidos pela Escola de Pharmacia e Odontologia do Rio de Janeiro, desde que se submetta ao regimen de fiscalisação e se leccione todas as disciplinas dos cursos officiaes”

Com estas duas emendas o projecto teve de voltar á Commissão de Instrucção Publica que a respeito elaborou o seguinte parecer:

“Ao projecto n.º 226, de 1921, foram offerecidas, em plenario, duas emendas: a primeira assignada pelo deputado Carlos Garcia e a segunda pelo deputado Verissimo de Mello.

Depois de aprecial-as devidamente, a Commissão de Instrucção Publica chega ás seguintes conclusões:

EMENDA N.º 1

Quanto á primeira emenda, que submetteu a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo ao regimen da fiscalisação e dispõe se leccione nella todas as disciplinas dos cursos officiaes, a Commissão pensa que, uma vez reconhecidos de caracter official os diplomas conferidos por aquella Faculdade, não póde ella conservar-se isolada, independente e completamente alheia á acção da auctoridade federal incumbida de superintender o ensino superior. Concordando, pois, com a necessidade da fiscalisação, discorda, no entretanto, a Commissão da exigencia de serem leccionadas todas as disciplinas dos cursos officiaes. Motivos obvios pleiteiam contra esta igualdade absoluta, já dispensada aos institutos equiparados, ex-vi do disposto no art. 14 do decreto 11.530 de 18 de Março de 1915.

Acceitando, pois, em these, a primeira parte da emenda e discordando da segunda, a Commissão de Instrucção Publica propõe o seguinte substitutivo á dita emenda.

Accrescente-se:

§ 2.º — Para entrar no goso de taes favores, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo entrará em relações com o Conselho Superior do Ensino, submettendo-se á mesma vigilancia e fiscalisação, por elle exercidas sobre os institutos officiaes de ensino superior, subordinados á sua esphera de acção.

EMENDA N.º 2

Quanto á segunda emenda, que estende á Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Rio de Janeiro os mesmos favores concedidos á Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo,

pensa a Commissão que, tratando-se de institutos completamente diversos, um livre, fundado e mantido pela iniciativa particular, o outro, genuinamente official, creado, sustentado e dirigido pelo Governo de São Paulo, não devem elles ser comprehendidos num mesmo projecto. Julga, no entretanto, merecedora de estudo a materia contida na dita emenda, pelo que é de parecer seja ella destacada para constituir projecto em separado, sobre o qual a Commissão se pronunciará ulteriormente.

Sala das Sessões, em 28 de Dezembro de 1921. Antero Botelho, Presidente. — Azevedo Sodré, Relator. — Tavares Cavalcanti. — Barros Penteado. — Xavier Marques. — Austregesillo”

Voltando, em 30 de Dezembro, a plenario, o projecto foi approvedo em 3.^a discussão, segundo o parecer da Commissão de Instrucção Publica, sendo dispensado de impressão (a requerimento do deputado Gonçalves Maia) e ficando assim a

REDACÇÃO FINAL

O Congresso Nacional resolve:

Art. 1.^o — São reconhecidos como de character official, em todo o territorio da União, para todos os effeitos legais, os diplomas conferidos pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

§ 1.^o — Nos estabelecimentos federaes de ensino superior são validos os exames prestados naquella Faculdade.

§ 2.^o — Para entrar no goso de taes favores, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo entrará em relações com o Conselho Superior de Ensino, submettendo-se á mesma vigilancia de fiscalisação por elle exercida sobre os institutos officiaes de ensino superior, subordinados á sua esphera de acção.

Art. 2.^o — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Commissões, 30 de Dezembro de 1921. Leoncio Galvão, Presidente. — José Alves. — Durval Porto”

Projecto, pois, constituido em proposição, foi, em 30-XII-22, approvedo na cauda do Orçamento Geral da Republica e enviado ao Senado, onde acaba de ter parecer favoravel da Commissão de Instrucção Publica e de entrar em plenario, onde deverá ser submettido a duas votações.

Nota da Red. Este projecto foi approvedo em plenario e passou para o palacio presidencial onde o sancionou o Presidente Arthur Bernardes, a 11-12—1922.

A imprensa noticiou largamente este despacho nos dias subsequentes.

Por este acto do sr. Presidente da Republica ficaram, reconhecidos idoneos para todo o territorio da União, os diplomas fornecidos pela Faculdade de S. Paulo.

Entretanto, pairaram ainda, no espirito de muitos estudantes suspeitas mais ou menos infundadas.

Um aviso do Sr. Barão presidente do Conselho do Ensino veio pôr o ponto final na questão.

Effectivamente a 8 de março o Sr. Dr. A. Lindenberg, Director da Faculdade, recebeu o seguinte officio do Sr. Dr. Ramiz Galvão:

“Emo. Sr. director da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

De accôrdo com a doutrina firmada no aviso n. 380, de 28 de Fevereiro ultimo, expedido pelo Ministeriº da Justiça e Negocios Interiores a esta presidencia, e intuito de obstar qualquer irregularidade em relação á transferencia de alumnos desse instituto, peço a V. Exa. que se digne de providenciar no sentido de serem enviados a este conselho:

a) — Um mappa com a relação nominal dos alumnos que prestaram exames em cada um dºs annos do curso, e o resultado obtido, quer quanto aos exames de Dezembro, quer quanto aos de segunda epoca:

b) — Uma relação especificada das guias de transferencia que foram expedidas com a indicação dº instituto a que as mesmas se destinaram;

c) — Uma relação nominal de todos os diplomados por esse estabelecimento, especificando-se, em relação a cada um, a data da sua matricula, a aprovação obtida em cada uma das materias de cada anno do curso e a data da collação do respectivo grau.

Outrosim, torna-se igualmente necessario que me envie, logo após ao encerramento das matriculas a relação nominal dos alumnos, com a especificação do anno e do curso em que estão matriculados.

Apresento a V. Exa. os protestos de minha alta estima e distincta consideração. — (a) Dr. B. F. Ramiz Galvão”

“Conselho Superior do Ensino — Ministerio da Justiça e Negocios Interiores — Directoria do Interior — N. 380 — 2ª. secção — Riº de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1923. Exmo. Sr. presidente do conselho superior do ensino. Em resposta ao officio de V. Exa., sob n. 6, de 15 de Janeiro deste anno, interpretação a dar ao decreto legislativo n. 4.615, de 7 de Deletivº á Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, e á dezembro ultimo, cabe-me declarar que, excluida a hypothese

de fiscalização por meio de funcionario nomeado, s^ob proposta do Conselho Superior do Ensino, ou por meio de nomeação do director da referida Faculdade pelo governo federal, porque uma e outra não se enquadram na letra e no espirito do citado decreto, é bem de ver que as relações entre Conselho Superior do Ensino e a Faculdade s estabelecirão por intermedio do presidente daquelle e do director desta, que são os respectivos orgams de relações. Por esse meio, pode o conselho conhecer da regularidade do ensino e da sua efficiencia na mencionada Faculdade, obtendo as informações que lhe parecerem necessaria^s para o desempenho de suas altas funções. Não ha outra forma de interpretar o paragrapho 1^o. do art. 1^o. do citado decreto, n. 615. Aproveito o ensejo para reiterar a V. Exa. os protestos de minha alta estima e consideração. — (a) João Luiz Alves”

Pela seara scientifica...

São do “O Estado de S. Paulo” as duas notas que, data venia, reproduzimos em “Pela seara scientifica. ”

A primeira veio na sua edição de 16 de fevereiro, e é collaboração especial do illustre medico, Dr. Georges Dumas; a outra foi colhida na sua optima coletanea “Revista das Revistas” que costuma apparecer na edição suplementar das segundas-feiras, e é de 26 de fevereiro.

“UMA NOVA PSYCHOLOGIA

Todos os medicos conhecem os progressos feitos pela physiologia, no decorrer destes ultimos annos, relativamente ás glandulas de secreção interna, as glandulas endocrinicas.

Claude Bernard entrevira a existencia e o interesse dessas secreções.

“As secreções internas — escrevia elle — são muito menos conhecidas que as secreções externas, entretanto, na minha opinião, ellas não podem ser postas em duvida; e creio que o san-

gue, ou, por outra, o meio interior organico, deve ser encarado como um producto de secreção das glandulas vasculares sanguineas” Nessa occasião lembrava elle a funcção glycogenica do figado, que elle tinha descoberto, e citava outras glandulas endocrinicas, o baço, o corpo thyroide, as capsulas suprarenaes, etc., etc., cujas funcções eram então indeterminadas.

Alguns annos mais tarde, em 1887, Brown Sequard, nas suas pesquisas acerca do liquido orchitico, percebeu todo o alcance da noção de secreção interna e fundou a endocrinologia.

Mostrou elle que as glandulas de secreção interna secretam, no sangue, principios que têm a propriedade de actuar de uma fórma electiva sobre os orgams vizinhos ou afastados, e que ao lado da solidariedade estabelecida entre os orgams pelo systema nervoso, existe uma solidariedade bio-chimica, fundada nas secreções endocrinicas.

Sabe-se hoje, com maior precisão, que o organismo animal possui, sob a fórma de glandulas endocrinicas, verdadeirosapparelhos de chimica que extraem do sangue substancias como o azoto, o oxygenio, o hydrogenio, o carbonio, o bromo, o iodo, etc., para fabricar compostos chimicos que são derramados no sangue, sob a fórma de secreções, e que exercem uma influencia excitante ou refreadora sobre a actividade deste ou daquella orgam, e, de modo geral, sobre aquella troca de materias, nos tecidos, chamada metabolismo.

E’ assim que a secreção thyroidea parece manter sob sua dependencia o desenvolvimento dos ossos e do cerebro, o desenvolvimento das funcções psychicas superiores e da vida affectiva; o cretinismo resulta da atrophia ou da destruição dessa glandula.

A secreção das capsulas suprarenaes, composta principalmente de adrenalina, parece exercer uma influencia tonica sobre o coração, cujas contracções ella torna mais lentas, profundas e amplas; sobre o figado, de que liberta o glycogenio; sobre a respiração e sobre os musculos; seria ella a glandula da energia.

A secreção da epiphvse, da glandula pineal, onde collocava Descartes a séde da alma, exerce uma influencia refreadora sobre o desenvolvimento dos orgams e do instincto sexual.

A hypophyse, ou glandula pituitaria, governa, provavelmente, com suas secreções; o desenvolvimento dos ossos das extremidades e dos da face e é bem possível que ella actúe, como as capsulas suprarenaes, para tonificar os musculos, o coração, e manter a excitação psychica.

Emfim, ninguem hoje ignora que certas glandulas intersticiaes, emmaralhadas, nos machos, com os elementos da glandula genital, têm sob sua dependencia o desenvolvimento dos caracteres morphologico e psychico do sexo, entre os quaes o instincto sexual deve ser citado em primeiro logar; emquanto que na femea da maior parte dos mammiferos, uma glandula associada ao ovario e chamada corpo amarello, desempenha um papel sensivelmente analogo.

Todas essas funcções são conhecidas, quer pela distruição parcial ou total das glandulas, que diminue a secreção ou a supprime, quer pela injecção intravenosa ou pela ingestão buccal, dos extractos de glandula, que substituem a secreção.

Repito-o, não tenho a pretensão de ensinar coisa alguma aos meus confrades medicos de S. Paulo com as linhas precedentes; tudo quanto acabo de escrever é conhecido; mas o que o é menos é que os psychologos estão a caminho de apoderar-se das mais recentes descobertas da endocrinologia para expilcar a vida instinctiva e affectiva.

E' possível admittir-se que o desenvolvimento e mesmo a existencia de nossos instinctos estejam sob a dependencia das secreções endocrinicas? Ribot distingue dentre os nossos principaes instinctos, o instincto de conservação, a sympathia, a curiosidade, o instincto sexual.

Ora, não ha duvida, que o instincto sexual se desenvolve na adolescencia, como os organos que lhes correspondem, sob a influencia das secreções das glandulas intersticiaes e dos corpos amarellos. A curiosidade depende da vitalidade dos nossos desejos; ella desaparece no caso de apathia affectiva; apparece no caso contrario e, como tal, não é impossivel que esteja indirectamente ligada á secreção thyroidea.

O instincto de conservação nunca se manifesta sob a forma de um desejo consciente; elle não nos é conhecido senão pelas

emoções de colera que o manifestam sob a forma aggressiva e pelas emoções de medo que o manifestam sob a forma defensiva; ora, o psychologista americano Cannon julgou estabelecer, com experiencias recentes, que as emoções de colera e de medo estão na dependencia das secreções das capsulas suprarenaes e em particular da adrenalina, que leva ao organismo, especialmente ao systema circulatorio e ao systema muscular, todas as excitações tonicas de que esses systemas têm necessidade para o ataque ou a fuga.

Além disso, meu collega e amigo Rabaud, da Faculdade das Sciencias de Pariz, acaba de mostrar, por experiencias muito engenhosas, que o instinto materno, "le gout des petits", se manifesta, nas camondongas prenhes, a começar do 9.º dia de gravidez e que se vae accentuando até o 20.º dia, isto é, até o parto; indifferentes quanto aos filhotes das outras camondongas até o 9.º dia, as camondongas prenhes começam desde aquelle dia a se occupar delles e a lhes dispensar cuidados.

Rabaud chegou mesmo a provocar, em femeas virgens, manifestações inequivocas de instinto materno, enxertando nessas femeas ovarios de femeas prenhes; e elle concluiu com verosimilhança que o instinto materno, na forma rudimentar, está sob a dependencia de uma secreção ovarica.

Parece portanto possivel que nossa vida affectiva, a de nossos instinctos e talvez a de nossas emoções, esteja sob a dependencia de nossas secreções encrinicas; e se esta dependencia e confirmar e se precisar, será evidentemente uma das maiores descobertas que se têm feito em psychologia.

Nossa individualidade affectiva, caracterizada pela harmonia dos nossos instinctos ou pelo predominio deste ou daquelle instincto, traduziria assim a harmonia das nossas secreções e o predominio desta ou daquella secreção.

E, como as secreções internas têm sob sua dependencia não sómente o esqueleto, mas a estatura, o crescimento das mãos e dos dedos, os dentes, a pelle, os cabellos, os olhos, os musculos, o sexo, não é sómente a nossa individualidade moral, mas a nossa individualidade physica que se explicaria pelo predominio desta ou daquella secreção endocrinica.

Tudo isso é ainda muito hypothetico e não se poderia com bastante prudencia avançar num terreno tão pouco conhecido e não movediço, onde a sciencia se faz ás apalpadellas e com erros inevitaveis; mas, em todas as sciencias ha gente apressada que as compromette, e alguns psycho-physiologistas da America do Norte falavam já de personalidades pituitarias, de personalidades thyroideas.

Alguns, como Reman, descrevem-nos essas personalidades; dizem elles que a personalidade suprarenal se caracteriza pela energia da acção, que a personalidade pituitaria é caracterisada, nos homens, pela tonalidade activa e harmoniosa de todas as faculdades, isto é, pelo predomínio da parte anterior da hypothese, enquanto que a personalidade pituitaria é caracterisada, nas mulheres, por um propensão ás emoções ternas e ao sentimentalismo, isto é, pelo prodomínio da parte posterior da hypophyse.

Napoleão teria tido os caracteres physicos e moraes da personalidade pituitaria, Nietzche teria sido um pituitario instavel, Darwin um hyperpituitario, um hyperthyroideo e um hypersuprarenal.

Isso não é tudo; os mesmos autores fazem entrever uma regeneração da humanidade, em que a educação formará os homens de accordo com um typo ideal, fazendo-os absorver, pela bocca ou pelas veias, extractos endocronicos destinados a supprir as secreções endocronicas que lhes faltarem ou que forem insufficientes na sua economia. Falam mesma de supprir, não os criminosos, mas os instinctos violentos que produzem os crimes, de organizar o equilibrio affectivo, a felicidade, o successo, por meio de uma sabia administração das secreções endocronicas; e semelhantes ambições poderiam talvez tornar para sempre ridicula a endocrinologia, como o foi a phrenologia, outrora, se os sabios illustres que actualmente se occupam das secreções endocronicas com prudencia e methodo, Gley na França, Schafer na Inglaterra, Cannon na America do Norte, não fossem a mais segura garantia da seriedade desta sciencia e do seu grande futuro.

O que é mais interessante do que as fantasias de Berman, que nem mesmo têm a vantagem de ser humoristicas, é que uma

therapeutica inteira, que tem por objecto compensar a insufficiencia das secreções endocrinicas, a opetherapia ou therapeutica pelos succos, já sahiu da endocrinologia, e que nós estamos hoje talvez a caminho de um possivel tratamento das psychoses como a demencia precoce, a mania, a melancolia, que são doenças da affectividade e como taes, se relacionam, talvez, com perturbações endocrinicas.

Já temos visto injeções de extracto thyroideo darem alguns resultados na demencia precoce e não deixa de ser interessante notar que, se entrevemos em 1923 um clarão de verdade nesta parte tão escura da psychiatria, devemol-a a Brown Sequard, que fundou a endocrinologia e a opotherapie em 1887 e foi ridicularizado pela imprensa e pelo theatro, por haver proclamado que o succo orchitico possui propriedades tonicis especiaes, que ninguem mais contesta.

Georges Dumas.

*

* *

O antigo e interessante semanario *Les Annales*, de que é director o illustre escriptor francez sr. Adolphe Brisson (Paris, 5, rue La-Bruyère), traz no seu numero de 21 de Janeiro uma notas curiosas do sr. G. Lenotre sobre a peste e a grippe.

Depois de se referir ás varias pestes que têm cahido sobre o mundo, o sr. G. Lenotre trata da grippe, alludindo a um livro do dr. Cabanés, “*Les Fleaux de l’Humanité*” A grippe é provavelmente tão velha como o mundo. A primeira grippe de que nos dá noticia ahi storia declarou-se no anno de 927 e é consignada em “*La Chronique*” de Flodoard, onde se relata que naquelle anno, a “*Galia e a Germania* foram invadidas por uma epidemia de febre e tosse”

Em 1414, a má visitante reapareceu. Cem mil pessoas, só em Paris, isto é, mais da metade da população da cidade, perdem a um tempo “o beber, o comer e o dormir soffrendo da cabeça, dos rins, das costellas, do ventre, dos braços, das espaduas e pernas” Em 1610, eil-a de novo, proveniente de uma temperatura horrivel, neve, chuva fria, ect. Em 1657 ella se generalisa

em alguns dias, a ponto de se chamar o “mal da moda”; em duas semanas, Paris consome as provisões que os boticarios ajuntaram para todo o anno, em “xaropes, asucar-candi”, etc. Dezoito annos mais tarde, toda a Inglaterra se põe a tremer de febre e a tossir, epidemia á qual “ninguem, por assim dizer, escapa”, garante Sydenhan, o qual constata que a disposição degenera facilmente em “pleuresia em pneumonia” Chega o anno de 1733: duzentos mil enefluxados em Paris. No anno seguinte, a mesma coisa. O joven rei Luiz XV, atacado como os simples mortaes, baptisa a epidemia com o nome de “Folette” O nome teve um successo prodigioso, por ter partido do rei. A “foiette” viveu 10 annos. Em 1743 ella se tornou a “influenza”, e, dessa vez, era o papa Benedicto XIV que a baptisava. Em 1767, loꝝd Chesterfield escreve a seu filho “que em Londres reina uma doença que se chama pelo bonito nome de “influenza” Em 1780, a imperatriz Catharina escreve que “todo o seu imperio tosse e está enefluxado” e por isso, quando dois annos depois a grippe reapareceu em França, foi chamada de “Coquette do Norte”.

A Opera precisa interromper os espectaculos; cantores, musicos, dansarinas estavam atacados da “coquette”

Convém parar aqui esta nomenclatura e indagar se ha remedio para semelhante molestia. Até hoje, diz o dr. Cabanés, está-se á procura do especifico para esse mal proteiforme. Mas, por occasião das epidemias de 1580, 1676, 1703, 1734, 1737, observou-se que um abalo sismico ou uma erupção vulcanica coincidia com o fim da molestia. Será que o remedio da grippe seja o tremor de terra?”

Noticiario Social

O PODADOR

Naquella tarde reuniam-se os medicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na sua séde, para receber o Dr. Paz Soldan, professor de Hygiene da Faculdade de Medicina da Universidade de São Marcos de Lima. O professor Oscar Freire lá se encontrava. E estavam tambem presentes muitos alumnos da nossa Faculdade. Foi nesse ambiente de grandes homens em floração e grandes homens em botão (estudantes) que um encontro casual poz o presidente do Centro “Oswaldo Cruz” em frente do saudosissimo professor de Medicina Legal da Faculdade de São Paulo.

— Doutor, disse Felicio, tenho aqui uma mensagem que o “Centro” deseja enviar aos collegas de Lima, por intermedio do professor Soldan. Gostaria de mostrar-lh’a.

— Venha cá, interrompeu-o o Professor Oscar Freire. E com aquelle seu modo de olhar com os olhos muito abertos, como se desconfiasse da sua myopia, e de remexer nos bolsos do collete procurando já o lapis, entraram ambos na secretaria. Felicio leu-lhe a mensagem. Oscar Freire julgou conveniente introduzir algumas modificações.

E estavam nesse trabalho — o presidente do “Centro” lendo e Oscar Freire riscando e modificando — quando o Professor Paz Soldan, que visitava as dependencias da Sociedade, entrou tambem na Secretaria e, vendo-os, exclamou:

— Trabajan ustedes?...

E era verdade: Oscar Freire alli estava num trabalho de revisão e de “poda”...

X.

*

* *

Depois da publicação do numero da “Revista de Medicina” immediatamente anterior ao que ora vem a lume, occorreram, chronologicamente, os seguintes factos, mais ou menos intimamente ligados á vida academica: (1)

*

* *

Prof. Pedroso — Foi a Escola surpreendida, na tarde do dia 11-XI-1922 pela noticia do passamento do illustre cathedratico de Microbiologia. Victima da temeraria dedicação

aos estudos da sua especialidade, morreu da contaminação pelos germens da meningite cerebro espinhal

A propria natureza da molestia que o victimou e, mais ainda, a sua vontade expressa, determinaram a maior brevidade na sua inhumação e simplicidade nos seus funeraes.

*
* *

A. Lindemberg. — A Congregação da Faculdade de Medicina reuniu-se a 16 XII 1922 para empossar no cargo de director o Prof. Adolpho Carlos Lindemberg, nomeado pelo governo em substituição ao Prof. Celestino Bourroul.

*
* *

Prof. Oscar Freire — A's 22,50 horas do dia 11 de Janeiro falleceu em sua residencia o Prof. O. Freire. O seu corpo, embalsamado, repousou na Faculdade de Medicina, velado por discipulos, até o dia 25, quando foi transportado ao salão nobre do Jardim da Infancia, transformado em camara ardente.

Na sessão funebre, então relisada, despediram-se delle sociedades scientificas, alumnos e amigos particulares.

A 26, ás 9,50 embarcou para Santos em trem especial e, de lá seguiu para a Bahia, sua terra natal.

Acompanharam o seu corpo o Prof. Celestino Bourroul, em nome da Congregação da Faculdade de Medicina, e o Dr. Almeida Junior em nome de seus antigos alumnos e dos alumnos da Faculdade.

*
* *

Dr. L. P. Barretto — No mesmo dia 11, falleceu, tambem nesta capital, o sabio Dr. L. P. Barretto, medico e publicista de notavel descortino que toda a mocidade academica venerava.

*
* *

Inicio das aulas — A 15 de Fevereiro, regularmente, reence-taram-se as licções em todos os recursos da Faculdade de Medicina e Cirurgica.

O numero de matriculados elevou-se a 285.

*
* *

Escola "Arnaldo V. de Carvalho — Promovida e patrocinada pelo Centro academico "Oswaldo Cruz" realisou-se no Theatro Municipal, a 27-1-923 uma festa em beneficio desta Escola creada pelo mesmo Centro.

Esta festa foi muito bem aceita pela sociedade paulistana, correu na maior animação e deu optimos resultados. E' o que se póde ver por esta nota que recortamos de um jornal desta capital.

“E' o seguinte o balancete apresentado pela commissão do Centro Academico “Oswaldo Cruz”, referente ao festival, que organisou em beneficio da Escola “Arnaldo Vieira de Carvalho”:

RECEITA

255 convites de “Patrocinadora” a 50\$000	12:750\$000
157 convites de “Familia” a 30\$000	4:710\$000
316 convites de “Rapaz” a 15\$000	4:740\$000
Productos da venda de frisas e camarotes	900\$000
	<hr/>
Somma	23:100\$000

DESPESA

Buffet	6:600\$000
Duas orquestras.	1:200\$000
Despesas com o theatro	773\$000
Impressos	729\$300
Porcentagem ao cobrador	306\$500
Despesas geraes	314\$000
Flores e ornamentação	230\$000
Auxilio aos postos de prophylaxia, c “vale”	600\$000
Saldo	12:947\$600
	<hr/>
Somma	23:100\$000

A renda foi entregue ao novo presidente do Centro, que a fez recolher ao Banco Commercial do Estado de São Paulo”

Conferencia — Ao que nos consta, de bôa fonte, serão feitas este anno algumas das conferencias da serie do Centenario, adiadas por motivos imprevistos.

*

* *

Prof. Klotz — Procuramos o illustre chefe da cadeira de Anatomia Pathologica, a proposito da noticia da sua partida para os Estados Unidos. Em outro numero publicaremos a entrevista que S. Exa. teve a gentileza de nos conceder.

Prof. Lordy — Despediu-se da “**Revista de Medicina**” o Prof. Carmo Lordy, cathedratico de Microbiologia que, brevemente, segue para o estrangeiro, em viagem de estudos. S. Exa. está de volta pelos ultimos mezes do anno corrente.

Nova Directoria do Centro Academico "Oswaldo Cruz" —
Foi convocada para 23 de Fevereiro uma Assembléa Geral do Centro A. "Oswaldo Cruz" para a passagem de poderes.

A actual Directoria é composta dos academicos srs.:

José Ignacio Lobo, presidente.
B. Cunha Campos, vice-presidente.
Alviro S. Fortes, 1.º secretario.
J. Almeida Camargo, 2.º secretario.
Aleixo Mascarenhas, 1.º thesoureiro.
H. Paula Santos, 2.º thesoureiro.
Durval Marcondes, 1.º orador
Eduardo Pirajá, 2.º orador.
Victor Mayerá, bibliothecario.

*

* *

Herma — Acha-se já em confecção, no "atelier" do eximio esculptor Leopoldo e Silva, nosso illustre patricio, a herma que, por iniciativa do Centro Academico "Oswaldo Cruz" e por meio de subscrição publica, ainda aberta, será collocada no instituto de Medicina Legal, da nossa Faculdade.

Prof. H. Lindenberg. Embarca, brevemente, para a Europa o Dr. H. Lindenberg, cathedratico de Oto-Rhyno-Laryngologia. S. Exa. que viajará acompanhado da Exma. familia vae a passeio e estudos, tencionando voltar ainda este anno. Sabemos que no mesmo paquete seguirá o **Dr. Guilherme Whitaker**, formado recentemente. O jovem medico vae á Allemanha, onde pretende aperfeiçoar os seus estudos.

*

* *

N. da R. E' bem possivel que nos tenha passado despercebido, algum acontecimento. Renovando-se annualmente, como tem acontecido, a direcção da "Revista de Medicina" é muito provavel haver falhas em uma resenha que é organizada intermittenemente, com grandes lapsos de tempo.



ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).